

GOVERNO arromba INPS e assalta o trabalhador

Regime só quer eleição se o PDS for vencedor

Os generais só querem eleições com a garantia da vitória do PDS. Mas o povo quer eleições livres e limpas. Pág. 3



Em todo o país, o Pacote de Novembro foi enterrado



Protesto contra a Previdência: agora o povo pagará mais caro pelo atendimento ruim

Mais uma investida à traição do governo contra o povo. Nas festas de fim de ano, passando por cima do próprio Congresso, Figueiredo baixa seu famigerado "Pacotão da Previdência". Foi o regime militar que criou um buraco de 530 bilhões no INPS. Mas os trabalhadores é que vão pagar. Os descontos nos seus salários para a Previdência subiram de 8 para até 10%. Leia na página 2.

Amazonas volta da Albânia e fala do Congresso do PTA

Página 8

3.500 pessoas no enterro do líder de bairro de Cuiabá morto pelas costas fala o POVO

Editorial

A Nação está cansada da tutela dos generais

Um observador de fora deve pensar que o Brasil não tem governo. Durante todo o ano passado o país foi abalado por uma série de convulsões e os donos do poder a cada dia anunciavam novas medidas que só agravavam os problemas. Ministros e chefes políticos governistas desmentiram-se e desentenderam-se publicamente. A bomba do Rio-centro flagrou os atritos dentro do próprio sistema. A demissão de Golbery atestou o fracasso da "abertura". E o pacote eleitoral indicou o desatino dos generais, incapazes de disputar qualquer eleição com um mínimo de lisura.

No terreno econômico, uma sequência de desacertos acelerou a crise e jogou sobre os trabalhadores novos sacrifícios. O país trabalha para pagar a dívida externa. Mas o ministro Delfim Neto declarou-se otimista, mesmo prevendo que até 1990 a dívida vai para 118 bilhões de dólares. O mesmo Delfim tinha dito que o país continuaria crescendo; no fim do ano concluiu que o crescimento foi zero mas que "isto é natural". Diversas autoridades disseram que a crise era passageira, mas durante o ano, milhões de trabalhadores foram condenados ao desemprego.

Por que tantos desencontros e tentativas que sempre acabam em fracasso? Qual é o fio que liga todos os atos do governo e os leva para resultados opostos aos prometidos? Por que até mesmo homens que durante certo tempo serviram ao governo passam a combatê-lo e inclusive parlamentares que estão no PDS se rebelam e votam com a oposição?

Desde que tomaram o poder, em 1964, os generais se nomearam donos absolutos do poder. Prometem diálogo, estendem a mão, dizem que é preciso negociar. Mas na hora de decidir, consideram-se tutores da nação, com direito de dar sempre a última palavra. Primeiro era porque o povo "não estava preparado" para votar, depois porque estão "aperfeiçoando a democracia".

O Poder Executivo, sempre nas mãos de um general, sobrepôs-se a todos os outros Poderes e monopolizou todas as decisões. Os generais aferram-se ao

posto de mando e desatinam-se quando são contrariados.

Com o monopólio do poder nas mãos, eles traçaram uma política econômica e financeira profundamente nociva ao povo e à nação. Colocam acima de tudo os interesses dos grandes grupos capitalistas, estrangeiros e brasileiros, e seus próprios privilégios de casta. Isolam-se cada vez mais, criando atritos até com setores importantes das classes dominantes. Acabam brigando entre eles mesmos diante das dificuldades crescentes e para decidir se é esta ou aquela camarilha que fica no comando.

A tutela dos generais sobre o poder e a orientação política e econômica do regime são uma fonte permanente de conflitos. E quanto mais se agrava a crise no país, maiores são as forças que lutam pela sua liquidação. Até mesmo políticos moderados pronunciam-se exigindo a "alternância do poder".

Algumas correntes políticas não conseguiram entender esta realidade. Ainda buscam formas para "melhorar" o regime, esperando aproximá-lo aos poucos da democracia. Pregam a conciliação e freiam as lutas populares para não criar confrontos.

O pacote eleitoral de novembro e os novos casuísticos que já estão sendo comentados, o pacote da Previdência e o próprio discurso de fim de ano do general Figueiredo, tudo isto mostra que os generais não estão dispostos a abrir mão do poder. E que enquanto durar o regime, o povo só pode esperar novos sofrimentos.

A solução para esta situação depende da ampla participação da classe operária e dos trabalhadores do campo e da cidade. São os mais interessados numa profunda mudança de sistema. As forças populares unidas é que podem desenvolver um amplo movimento de massas para construir um novo regime, de liberdade e progresso. As lutas do povo tendem a crescer e impulsionar o movimento democrático para acabar com a tutela das forças armadas sobre o poder político.



Polícia jogou bomba no povo, que defendeu a pedradas a posse de terrenos no Distrito Federal

Posseiros erguem barricadas contra a PM em Brazlândia

A CRISE CHEGA AO VESTIBULAR

Página 2

GOVERNO FAVORECE O SOLDADO DOS MILITARES

Última página



1981 Balanço

Os fatos da economia, da política, e a luta do povo no Brasil e no mundo

Páginas 4 e 5

Pacote do INPS é assalto ao povo

A partir deste ano, mais uma desgraça cai sobre a já sofrida família trabalhadora: o "Pacotão da Previdência Social", baixado pelo general Figueiredo no último dia 29. O desconto para o INPS no salário dos trabalhadores sobe de 8 para até 10%. Os aposentados sofrem um corte de 3 a 5% nos seus rendimentos. Um autêntico assalto a mão armada, para cobrir um rombo de 530 milhões de cruzeiros cujo único responsável é o regime militar.



Protesto contra o INPS: eles vão aumentar depois do pacote

O famigerado pacote só despertou protestos. Aliás, até Figueiredo, em setembro, dizia demagogicamente que era contra, "pelo sacrifício que imporia aos trabalhadores". Mas nas festas de fim de ano, passando por cima do Poder Legislativo, ele vibrou seu golpe traiçoeiro.

SÓ O TRABALHADOR PAGA

Na aparência, o pacote distribui o rombo da Previdência por toda a sociedade, e só o governo sai ganhando. Mas na realidade o peso dos sacrifícios recairá integralmente sobre as costas do povo trabalhador.

Os capitalistas tiveram um aumento de 8 para 10% de suas folhas de pagamento, nas alíquotas (descontos) que devem pagar ao INPS. Mas a verdade é que muitos já não pagavam nem os 8%, e eram perdoados pelo governo. E agora já disseram que vão transferir o ônus para os preços dos seus produtos. Resultado: paga o consumidor.

Os banqueiros levaram um colossal calote com o pacote. O INPS, que deve a eles 180 bilhões de cruzeiros, em vez de pagar com dinheiro vai pagar com... papel. Para isso o governo emitirá um tipo especial de ORTNs, papéis com correção monetária e juros reduzidos, que só poderão ser negociados dentro de cinco a sete anos. Mas os banqueiros também não têm motivos para reclamar. Transferirão os prejuízos do calote governamental para os juros. E os juros, alimentando a inflação, terminarão caindo também nas costas do trabalhador.

Este último é a verdadeira vítima do pacotão previdenciário. Vai pagar, diretamente, um total que soma nada menos que 90 bilhões de cruzeiros só este ano. Pagará também indiretamente, via juros, via preços, a parte dos empresários e banqueiros. Mesmo depois de apo-

Pacote não resolve

Além de atacar o nível de vida do trabalhador, o "Pacotão de Dezembro" não vai resolver, nem de longe, a crise da Previdência Social. Na verdade, ela é muito mais profunda do que o governo apresenta. Elio Fiszbejn, presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo, comenta:

"A saída estrutural é o Estado assumir a responsabilidade como é seu dever"

"O problema é, em primeiro lugar, da própria estrutura do sistema. O governo entende a questão da saúde e assistência médica como dever inalienável do Estado e, após 64, principalmente, ela vem sendo transferida cada vez mais para as empresas privadas. Em 1980, 11,3 milhões de pacientes foram atendidos pela rede privada e apenas 230 mil pelo INAMPS. Hoje, a Previdência possui apenas 42 hospitais próprios, enquanto contrata serviços de 3.373 hospitais privados. A tal ponto chega esta política que em 1980 o INAMPS gastou apenas 17% de seu orçamento com servi-



Elio: INAMPS só tem 42 hospitais

ços próprios, enquanto 81% eram destinados à compra de serviços.

"A saída estrutural é o Estado assumir a responsabilidade pela assistência médica da população. Há no entanto uma série de medidas que o governo poderia tomar desde já. Em primeiro lugar, ocupar a capacidade ociosa dos hospitais públicos, que hoje está em torno de 60%".

"Infelizmente, por parte do governo nada mudou. O objetivo é privatizar mais ainda a assistência médica e agora, como não tem recursos, o processo é acelerado".

sentado, continuará pagando. E já começou a pagar, desde 1981, por uma série de operações e exames antes gratuitos e fora do alcance do seu bolso.

A PIADA DOS SUPERFLUOS

No dia seguinte ao pacote, saiu a famosa lista dos superfluos. Por decisão do Congresso Nacional esses produtos deviam sofrer uma pesada taxa, que serviriam para cobrir o rombo do INPS. Mas Figueiredo discordeou. E resolveu

sabotar a decisão do Legislativo. Fez uma lista que mais parece uma piada, taxando as bolas de pingue-pongue mas não as raquetes, as raquetes de tênis mas não as bolas, num total de 46 artigos de pouco ou nenhum peso na economia.

No conjunto, o decreto é um monumento de incompetência e desprezo pelo povo. Mas este mesmo povo saberá jogar o pacote de volta sobre os seus empacotadores, inclusive nas eleições de 1982.

(Bernardo Joffily)

Vestibular é prova do fracasso do governo

No final de 1980 o número de candidatos ao vestibular começou a cair sensivelmente em quase todas as universidades do país. No Rio houve uma queda de 3%, no Recife de 4,1% e na PUC carioca de nada menos de 12%!

Esses dados mostram que a crise econômica vem se refletindo pesadamente na vida universitária. Como afirmou o coordenador da Fundação Universitária para o Vestibular, Fuvest, de São Paulo, Moyzes Szajnbock, "os resultados dos vestibulares são bastante coerentes e refletem a realidade sócio-econômica do candidato". Um artigo do jornal do Brasil de 4 de agosto de 1981, por exemplo, mostra que a maioria dos candidatos ao concurso de vestibular no Rio de Janeiro morava na Zona Sul, concluiu o 2º grau em colégios da rede particular e a renda familiar mensal situava-se na faixa de 50 a 120 mil cruzeiros.

Apenas uma minoria de vestibulandos consegue entrar na universidade. Em 1980 existiam 32 milhões de estudantes de 1º e 2º graus e apenas 1 milhão e 400 mil universitários. Ou seja, pouco mais de 1% dos estudantes consegue cursar as escolas de nível superior.

PROBLEMA ESTRUTURAL

Esta deformação começa desde o ensino primário. Em 1970 apenas 34,4% das crianças com 7 anos de idade frequentavam a 1ª série primária. E a evasão da 1ª para a 2ª série varia de 4 a 60%. Para este baixo rendimento das crianças contribuem sobretudo as condições econômicas das famílias, que não permitem alimentação, moradia e condições de saúde satisfatórias para um bom desempenho escolar.

No ensino secundário as oportunidades também não são iguais para

todos. O nível de ensino nas escolas públicas vem caindo a cada ano. Devido a isso, até as famílias com menores possibilidades econômicas desejam ter seus filhos em escolas particulares, mesmo enfrentando sérias dificuldades.

Não por acaso, nos últimos 10 anos se expandiu como nunca a indústria dos cursinhos, "uma demonstração da ineficiência do ensino público", como afirma a educadora Maria Nilde Mascellani.

O problema se acentua no ensino superior. Em 1964, somente 30% das vagas eram de faculdades particulares. Hoje a situação se inverteu e o ensino público universitário atende pouco menos de 30% dos estudantes.

É esta a realidade que os vestibulandos enfrentam. E essa é, como afirma Maria Nilde, "uma das razões para que todas as camadas interessadas na Educação devem levar uma luta ampla, junto com outros interesses, principalmente com a luta dos trabalhadores. A Educação não está separada do plano político e econômico.



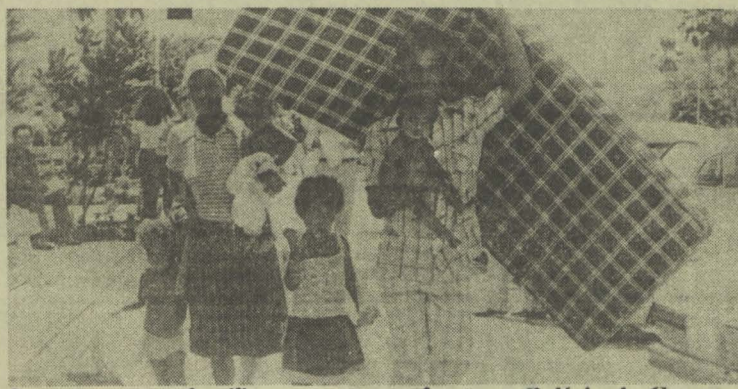
Vestibular: o funil começa antes

Posseiros paraibanos exigem resposta do governo

Desde o dia 14 de dezembro que mais de 100 posseiros da fazenda Camucim estão acampados diante do Palácio do Governo da Paraíba. Os lavradores tem o firme propósito de só deixar João Pessoa quando for solucionado o problema da terra em Camucim. Há vários meses que a Destilaria Tabu, do poderoso Grupo Lundgren, tenta expulsar os lavradores, que lá trabalham há mais de 40 anos, para plantar cana-de-açúcar.

PRENDER OS FILHOS

Os posseiros decidiram pressionar o governo após os acontecimentos dos dias 9 e 10 de dezembro. Nesta ocasião cerca de 30 PMs espancaram e prenderam seis lavradores, tentando expulsá-los da terra. Durante o choque o agricultor Raul de Castro foi surrado e ficou com fraturas na região torácica. A camponesa Elizete Santos, juntamente com uma criança de 10 meses,



Lourenço e sua família acampam em frente ao Palácio do Governo

que ela carregava ao colo, foram jogados no camburão da polícia. E a dona Júlia Maria Maximino, que teve dois filhos presos, chegou a ser agredida pelo próprio tenente José Vicente dos Santos.

Frete ao claro envolvimento da polícia com a Tabu, os posseiros procuraram o governador. Mas a postura do pedessista Tarcísio Burity foi de total indiferença. Ele chegou mesmo a pressionar os lavradores, mandando

o juizado de menores retirar os filhos dos posseiros que participavam da vigília e levá-los para o abrigo da Febem. Com a resistência dos lavradores, teve que recuar. "As crianças estão neste sofrimento por que os pais podem trabalhar. Se o governador quer ajudar ele deve garantir terra pra gente trabalhar", afirmou o lavrador Lourenço Alves, que estava com três filhos menores de cinco anos. (da sucursal)

Tribuna Operária

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily,
Olivia Rangel, Dilair Aguiar.

Redação:
Travessa Brigadeiro Luís Antonio, 53 -
Bela Vista - São Paulo - Capital - Tel:
36-7531 - CEP 01318.

Sucursais:
Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A
Pça. da Saudade - Caixa Postal 1439
Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides
Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000.
Maranhão: Rua Osvaldo Cruz, 340 - sala
404 - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua
David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário,
313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000.

Paraíba: Av. D. Pedro I, 1012 - João
Pessoa - CEP 58000. Pernambuco: Rua 7
de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707
Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas:
Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió -
Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João
Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP -
49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto,
845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Rio
de Janeiro: Rua da Lapa, 200 - sala
1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP
20021. Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807
- centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo:
Rua Marechal Deodoro, 943 - Centro -
Campinas - CEP 13400. Rua José Pinto
Almeida, 1378 - Piracicaba - CEP 13400.
Paraná: Rua Barão do Rio Branco, 41 -
sala 809-A - Curitiba - CEP 80000. Rua
Sergipe, 891 - salas 7 e 8 - Londrina -
CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua
General Câmara, 52 - sala 29 - centro - Porto
Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montaurio,
658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul -
CEP 95100.

A Tribuna Operária é uma publicação da
Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa
na Cia Editora Jorjés. Rua Gastão da
Cunha, 49 - Fone: 531-8900 - São Paulo.

Congresso dos Professores vai definir as lutas de 82

Professores de todo o país estarão reunidos de 18 a 21 de janeiro em Goiânia, no "Congresso Paulo Freire" — XV Congresso Nacional da Confederação dos Professores do Brasil. É o órgão máximo da entidade, que definirá a política educacional, cultural, social e econômica a ser defendida pelos professores, e estabelecerá as reivindicações e as lutas a serem travadas durante 1982. Os professores Wellington Gomes, do Sindicato dos Professores de Minas, Sílvia Costa, do Sindicato dos Professores de Goiás, e a professora paulista Lillian Martins estão defendendo, nesse Congresso, bandeiras como o ensino público e gratuito para todos, integração dos professores na luta em torno das reivindicações da Conclat, o fim do regime militar, convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte Livre e Soberana, e a luta dos professores e de todos os trabalhadores por um governo de forças democráticas e de unidade popular.

Operários da construção com chapa 2 no Distrito Federal

Os operários da construção civil do Distrito Federal vão eleger a nova diretoria do sindicato nos dias 17, 18 e 19 de janeiro. Lauro Bonfim Campos é um dos integrantes da Chapa 2, de oposição, que representa a tentativa dos operários de retomarem sua entidade de classe. Segundo ele, a chapa 2 "propõe um plano de luta por melhores condições de salário, trabalho e conscientização da categoria; participação do sindicato nos movimentos que atuem em defesa da comunidade; luta contra o desemprego, pela melhoria dos alojamentos, da assistência médica, odontológica, etc. (da sucursal)

Juventude do PMDB realizará encontro estadual em S. Paulo

Será realizado no dia 14 de fevereiro o I Encontro da Juventude do PMDB de São Paulo. Segundo Aldo Rebelo, membro da Comissão Organizadora do Encontro, "a Juventude do PMDB poderá trazer para atuação política centenas de milhares de jovens operários, camponeses e estudantes. Fortalecerá no interior do PMDB as posições mais combativas e consequentes". No dia 27 de janeiro, às 14 horas, será feita uma reunião para balanço da organização do Encontro, onde deverão ser decididos os encaminhamentos, como a mesa, os oradores, etc. "Conclamo todos os jovens peemedebistas e leitores da Tribuna Operária a comparecerem a essa reunião que será realizada na sede do PMDB, em São Paulo".

Moradores de Irajá exigem direitos e criam associação

Mais um grande passo foi dado no movimento popular no Rio de Janeiro, com a criação da Associação dos Moradores de Irajá, AMI, em dezembro. Segundo o seu presidente, Henrique Veloso, "a luta mais imediata da AMI é a abertura do hospital do INAMPS, que foi construído há três anos e se encontra em total abandono, sem nunca ter funcionado. Um documento, com mais de 5 mil assinaturas, será encaminhado às autoridades exigindo a abertura do hospital". A AMI, em conjunto com outras entidades está lutando para barrar o próximo aumento nos preços das passagens de ônibus. (da sucursal)

Vigilantes catarinenses denunciam militarização

Os vigilantes da Universidade Federal de Santa Catarina estão descontentes com a exploração e militarização a que estão submetidos. Não recebem horas extras trabalhistas, são ameaçados de perder o emprego, e não são reclassificados segundo o Departamento do Servidor Público. Além disso, estão submetidos ao treinamento físico da Academia Militar de Florianópolis, onde são obrigados a cortar os cabelos no estilo "mílico", são proibidos de fumar, etc. Agora os vigilantes editaram um documento onde afirmam: "Nós estamos começando a organizar a turma, porque o que está acontecendo conosco é errado!" (Da sucursal)

A Tribuna Operária tem novo endereço:

Travessa Brigadeiro Luís Antonio,
nº 53 - CEP 01318 - Bela Vista -
Fone: 36-7531 - São Paulo - SP.

(Próximo à esquina com a
Avenida Brigadeiro Luís Antonio).

Princípios número 3 mostra a realidade da URSS de Brejnev

Assinatura: 4 números por ano
Número avulso: Cr\$ 150,00
Pedidos: Editora Anita Garibaldi, Rua Major Quelidino, 300, sala 3, Bela Vista - São Paulo, SP.

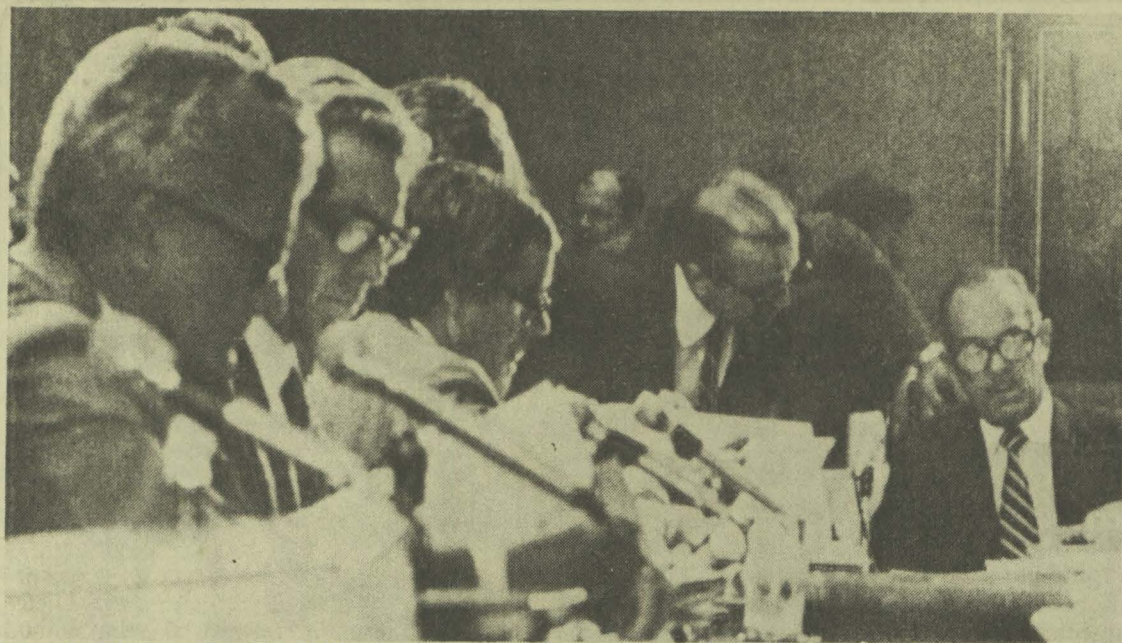
Que revolução fez a China? João Amazonas mostra que foi uma revolução democrática burguesa. Seu teórico principal, Mao Tsetung, jamais compreendeu a teoria científica do proletariado.

Preço por exemplar: Cr\$ 600,00
Assinatura: 4 números por ano
Número avulso: Cr\$ 150,00
Pedidos: Editora Anita Garibaldi, Rua Major Quelidino, 300, sala 3, Bela Vista - São Paulo, SP.

Desejo receber em casa os 25 próximos números da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., correspondente a uma

☐ Assinatura de apoio (Cr\$ 1.500,00)
☐ Assinatura standart (Cr\$ 750,00)
☐ Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 375,00)

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Estado: _____
CEP: _____ Fone: _____ Data: _____
Profissão: _____



Reunião do Conselho Monetário, onde um punhado de monopolistas controla a vida de 120 milhões

Orçamento promete mais recessão em 82

O Conselho Monetário Nacional — verdadeiro ditador de nossa economia — fez, em sua última reunião, o balanço de 1981 e aprovou o orçamento monetário de 1982. O povo não tem motivos para ficar alegre. O novo orçamento mantém a mesma política recessiva de 1981.

O orçamento monetário, que passa da casa dos 20 trilhões de cruzeiros, influi na vida de todos brasileiros. Mas quem decide tudo é um Conselho formado só por ministros, banqueiros e grandes capitalistas, todos nomeados pelo Presidente da República. Trabalhador não entra.

As contas do orçamento monetário orientam a aplicação do dinheiro dos impostos e taxas e incluem também a política para o orçamento das empresas estatais.

A tática do governo para 1982 é basicamente a mesma de 1981. O setor exportador terá uma variação de 90% em seus recursos, ficando com meio trilhão de cruzeiros. Já a agricultura terá uma variação de apenas 57%, ficando com 760 bilhões. Se levarmos em conta que o governo espera uma inflação de 85 a 90%, a agricultura ficará bastante prejudicada.

Crédito continua apertado em 1982

Também será mantida em 1982 a restrição ao crédito, que tanto tem influido na recessão da economia. Em 1982 os empréstimos dos bancos ao setor privado poderão se expandir no máximo 52,3%, ficando muito abaixo da infla-

ção. Mas, do mesmo modo que fez no ano passado, o governo permite que os bancos ultrapassem o limite estabelecido, desde que peguem o dinheiro no exterior. Em 1981, apesar da restrição ser até 50%, os bancos expandiram seus empréstimos em 100%, contando com o endividamento externo, que atingiu 6 bilhões de dólares nesse tipo de operação (Resolução 63).

Dívida criou um círculo vicioso

Essa tática suicida de obrigar os bancos a se endividar no mercado exterior demonstra o atoleiro em que o governo enfiou o país. Estamos tão endividados que, para pagar os juros e as prestações, temos que fazer novas dívidas. E como as taxas de juros no mercado mundial são altíssimas, empurram para cima as taxas no Brasil, — que já estão entre 150 e 200%.

Outra orientação que o governo mantém no orçamento de 1982 é o que ele chama de “cortar os subsídios”. Com esse objetivo o governo, já em 1981 cortou o subsídio do óleo diesel e reduziu o subsídio ao trigo. Antes ele pagava uma parte do diesel, muito usado no transporte de gêneros básicos, e uma parte do

trigo. Mas agora, com os cortes e reduções, e ainda com a liberação dos preços, o pãozinho dobrou de preço e os transportes públicos, que são movidos a óleo diesel, subiram mais de 150%.

Subsídios só para os grandes grupos

Mas, se o governo tira os subsídios que favorecem o povo, ao mesmo tempo aumenta os subsídios que favorecem os grandes grupos — principalmente os exportadores, os empresários do Pró-Álcool, os grandes projetos de multinacionais. Até da Caixa Econômica Federal e do Banco Nacional da Habitação (BNH) vão tirar 160 bilhões para exportações!

Estamos vivendo uma crise industrial e um dos fatores que mais influi na recessão foi o corte no orçamento das empresas estatais realizado em 1981. Esta mesma política continua em 1982. Os investimentos das estatais estarão limitados a uma expansão de 84%, abaixo da inflação esperada pelo governo e muito abaixo da inflação atual (96%). Um dos exemplos mais graves está no orçamento do BNDE. O Banco Nacional de Habitação funciona como o maior Banco de Investimentos do Brasil. Para 1982 sua “expansão” será somente de 60%. Cada vez fica mais claro para os trabalhadores que só resta uma opção para mudar a orientação da economia: mudar o governo.

Generais exigem vitória do PDS para ter eleição

Os generais continuam sem saber o que fazer para o PDS vencer as eleições. Depois de Figueiredo ter exigido a aprovação do “pacote de novembro” sem nenhuma modificação, agora já admite alterar algumas das suas regras. É que os generais só admitem eleições com a vitória do PDS. E está difícil encontrar medidas que garantam essa vitória.

Quando o general Figueiredo informou à direção do PDS que exigia a aprovação do seu pacote eleitoral, em novembro último, o presidente do partido governista, José Sarney, saudou sua iniciativa, afirmando que o pacote garantia a vitória do PDS e também a própria realização das eleições.

Os partidos de oposição foram unânimes em condenar a nova atitude arbitrária do governo, e o PP está se incorporando ao PMDB, numa resposta concreta ao general Figueiredo. Agora foram feitas algumas pesquisas de opinião pública, e já se fala que mesmo com o pacote o governo perde. Os generais voltam então a ameaçar com a não realização das eleições. O deputado Jorge Arbage, do PDS, está com um projeto de prorrogação das eleições para 84. Ao mesmo tempo, o ministro Leão de Abreu fala em eleições em dois turnos. Por sua vez, o general Figueiredo preferiu garantir a aprovação do pacote por decurso de prazo, temendo nova derrota no Congresso, com as dissidências do PDS, e admite reexaminar o próprio pacote. E o deputado-coronel Erasmo Dias confessa que o pacote “não contém a força necessária para garantir a continuidade da nossa maioria” e afirma que “casuismo também é regra do jogo, e como tal a maioria pode e deve adotá-lo”.

O governo não consegue encontrar medidas que lhe garantam a vitória no processo eleitoral. E para ele, as eleições só valem se ele ganhar. Diferente é a visão dos opositoristas. Existem os políticos vacilantes, que primeiro contam os votos para ver se perdem ou ganham, e só depois pensam na resposta a dar aos golpismos dos generais. Mas para os setores populares e para os democratas consequentes, o que interessa é votar em eleições livres e limpas. E só a ação do povo, sua mobilização, podem frear os novos casuismos que os generais preparam, no seu desespero de se manterem no poder.



A foto de O. Brito mostra a sintonia do governo

Populares queimam pacote eleitoral em vários Estados

Para repudiar mais uma manobra eleitoral de Figueiredo, o Pacote de Novembro, o povo saiu às ruas no último mês do ano. Em vários Estados ocorreram manifestações exigindo a derrota do pacote eleitoral e o fim do regime militar. Os atos, apesar de se darem no período de festas, reuniram vários milhares de pessoas.

Frente ao engodo do governo, floresceu a criatividade popular. Em Curitiba, membros do Movimento Contra a Carestia andaram pelas ruas centrais, abrindo um enorme pacote onde se encontravam todos os crimes dos generais: fome, desemprego, dívida externa. Em Manaus, no Amazonas, estudantes levaram três dias construindo um enorme pacote, queimado em praça pública no dia 17. Na manifestação, o senador Evandro Carrera disse que não é só o pacote que merece ter fim, mas principalmente o regime militar. Em São Paulo no ato realizado no dia 18 da Câmara Municipal, foi feito um enterro simbólico do pacote eleitoral. Posteriormente o caixão foi queimado.

Mas, como nas anteriores manifestações unitárias, notou-se a atitude divisionista de alguns membros do PT. Ao invés de

centrarem o ataque no ato arbitrário do governo, preferiram vaiar os opositoristas que não rezam pela sua cartilha. No Rio de Janeiro, alguns elementos mais sectários chegaram mesmo a hostilizar o senador Teotônio Vilela, um dos que mais têm se destacado no combate unitário às trapaças do governo.

A polícia, como não podia deixar de ser, também se fez presente às manifestações populares. Na Bahia, o governador Antonio Carlos Magalhães acionou a PM para impedir a concentração na Praça do Campo Grande. A PM tentou impedir a instalação do som. Mesmo assim o ato foi feito, contando com cerca de mil populares.



Manifestação antipacote em Manaus

Adesistas apóiam delação no PMDB

A Comissão de Ética do PMDB baiano optou por prestigiar a delação. No dia 22 de dezembro último, mandou arquivar em definitivo a representação feita por Haroldo Lima quando integrante do Diretório Regional contra o verador Murilo Leite, que havia afirmado à imprensa que a Fetag estava dirigida por comunistas e que Haroldo era militante do PC do Brasil.

O clima na sede do PMDB era de tensão. O vereador e seu advogado, o fascista Nemésio Sales, chegaram escoltados por 22 capangas. Por outro lado, a tendência popular, bloco liderado pelo deputado Francisco Pinto, mobilizou mais de 200 pessoas em solidariedade à Fetag e a Haroldo. Dado o veredito, o Secretário Geral do PMDB local comentou: “Estou enojado. Condeno veementemente todo tipo de insinuação direta ou mesmo velada capaz de resultar na abertura de flancos na segurança de qualquer cidadão,

face aos organismos de repressão policial”.

O arquivamento da representação só serviu para desgastar o PMDB baiano. Muita gente se revoltou. Em sessão anterior, no dia 15, Nemésio Sales foi chamado de dedo-duro, policial e membro do DOI-CODI por mais de 200 pessoas. Dos seis membros da Comissão de Ética, dois protestaram e não foram convocados no dia 22 para não atrapalhar a farsa da votação. Antônio Fernandes Xavier declarou: “Este documento é mais policial que os forjados nos porões da repressão. E se Murilo Leite ratificar seu conteúdo deve ser expulso do PMDB, que é uma frente de oposição e não um covil de traidores e delatores”. De fato, nenhum partido de oposição pode admitir casos como esse, sob risco de perder a confiança do povo.

(da sucursal)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Um país socialista pode voltar ao capitalismo?

Os vergonhosos acontecimentos na Polónia deixam uma pergunta no ar para os trabalhadores de todo o mundo: pode um país socialista retroceder ao capitalismo? Pode a exploração do homem pelo homem ressurgir das cinzas, depois de vencida pela revolução? A resposta é afirmativa. O exemplo polonês, assim como o soviético, mostra que sim.

A MAIOR DAS TRANSFORMAÇÕES

A revolução socialista é a transformação mais vasta e profunda que a humanidade já viveu. É mais do que a vitória de uma classe social sobre outra; é o triunfo de todos os explorados sobre milhares de anos de exploração. Seria ilusão imaginar uma mudança dessa ordem como uma coisa simples e tranqüila, sem zigue-zagues, retrocessos temporários, derrotas parciais.

A revolução socialista proletária ainda é relativamente jovem. Começou com a Insurreição de Outubro, na Rússia, em 1917. E para a história da humanidade 64 anos são um período curto. A burguesia precisou de vários séculos para vencer a velha ordem feudal. E também as revoluções burguesas sofreram diversas vezes derrotas e retrocessos.

O NOVO NASCE DO VELHO

O socialismo nasce do capitalismo. Ao vencer, recebe como herança da velha sociedade todo um rosário de vícios, deformações e fatores de atraso, na economia, na política e também na consciência das pessoas.

As velhas classes exploradoras, mesmo derrotadas, também não cessam de lutar. E lançam mão de todos os trunfos que possuem, desde o domínio da técnica, da cultura, da religião, até a influência que exercem de mil e uma formas sobre as classes exploradas.

Outro problema que teve grande peso no caso polonês é a permanência da propriedade privada camponesa. Naturalmente, a classe operária não pode expropriar as terras de seus aliados camponeses tal como faz com

as fábricas e os bancos dos grandes burgueses. O caminho para o socialismo, no campo, passa pela persuasão dos camponeses sobre as vantagens da coletivização. Mas enquanto isso, a propriedade privada, o trabalho e o lucro privados dos camponeses produzem capitalismo, constantemente e em grande escala.

Outro fator de retrocesso é a pressão externa. Cada país socialista é logo cercado, isolado e bombardeado pelos exploradores do mundo inteiro, por meios econômicos, políticos, ideológicos e não raro militares. Essa chantagem internacional fortalece tudo que é retrógrado e ambiciona exatamente a restauração burguesa.

O PAPEL DO PARTIDO

Enquanto permanecem estes fatores, existe a possibilidade de uma marcha à ré do socialismo, novamente ao capitalismo.

Mas o problema se complica ainda mais porque outros riscos surgem na própria construção da nova sociedade. A classe operária e seu partido passam a assumir novas responsabilidades. Têm que construir todo um novo aparelho de Estado, socialista, às vezes aproveitando pedaços do velho aparato estatal. E estas tarefas necessárias implicam em riscos. O socialismo não é imune à burocracia, à corrupção e mesmo ao aburguesamento de pessoas e camadas inteiras.

Quando isso acontece na direção da classe operária, do partido e do estado, está aberto o caminho para o retrocesso ao capitalismo. E coloca-se então uma segunda pergunta: pode-se evitar que isso ocorra?

Também aqui a resposta é positiva. O que ocorreu na URSS, na Polónia e outros países não é uma fatalidade. A classe operária triunfante tem condições de defender e levar até o fim a construção da nova sociedade. E mais ainda: é nesse sentido que caminha a humanidade, por imposição das leis do desenvolvimento social, por mais tropeços e obstáculos que encontre no seu caminho.



Haroldo Lima fala ao povo baiano

ABC do socialismo

O revisionismo de Krushov liquida o socialismo na URSS

Nikita Krushov capitulou diante das ameaças imperialistas e das pressões burguesas. Abandonou a revolução e restaurou o capitalismo na URSS. Para encobrir sua traição e liquidar o poder do proletariado, caluniou Stalin. Brejnev prosseguiu nesta política revisionista.

Stálin enquanto viveu conduziu o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) no caminho revolucionário. Mas depois de sua morte, em 1953, certos dirigentes que capitularam diante da burguesia levantaram a cabeça. No XXº Congresso do PCUS, em 1956, este grupo, encabeçado por Nikita Krushov, conseguiu impor sua linha revisionista.

AMIGO DOS EUA

Krushov, diante das ameaças do imperialismo, colocou o PCUS diante de um falso dilema: “Ou coexistência pacífica ou a guerra mais destruidora da história”. Abandonou o internacionalismo proletário, renunciou à união com o proletariado e com os povos oprimidos de todo o mundo contra o imperialismo, defendendo

que coexistência pacífica é “ser amigo dos Estados Unidos e colaborar com eles”.

Abandonando a luta de classes pelo socialismo, passou a defender a passagem pacífica do capitalismo ao socialismo através da luta parlamentar e eleitoral. Para encobrir seus ataques ao marxismo-leninismo e ao socialismo, passou a caluniar Stálin e a fazer coro com a burguesia, qualificando-o de ditador — por traz disto estava o interesse de destruir o poder político do proletariado.

Em 1957, diante da resistência dos revolucionários no Partido, cercou com tropas uma reunião do Comitê Central, impondo-se como o principal dirigente e permitindo a expulsão de Molotov e a imposição do marxismo-leninismo.

Ampliou as diferenças salariais entre operários e dirigentes de empresas e passou a conceder privilégios a estes últimos. Restaurou a concorrência entre as empresas e a busca do lucro. Retirou as estações de máquinas e tratores das mãos do Estado e as entregou às cooperativas e fazendas coletivas reforçando a economia particular.

SOCIAL IMPERIALISMO

Leonid Brejnev, que em 1964 sucedeu a Krushov, aprofundou esta restauração capitalista. Deu aos diretores das fábricas o poder de demitir operários. Permitiu que os preços voltassem a ser regulados pela concorrência. Abriu a economia aos capitais estrangeiros. E a própria URSS passou a exportar capitais.

O Partido do proletariado foi substituído por um “partido de todo o povo” e o Estado passou a ser dirigido pelo “povo” e não mais pelo proletariado. A URSS tornou-se uma grande potência imperialista.

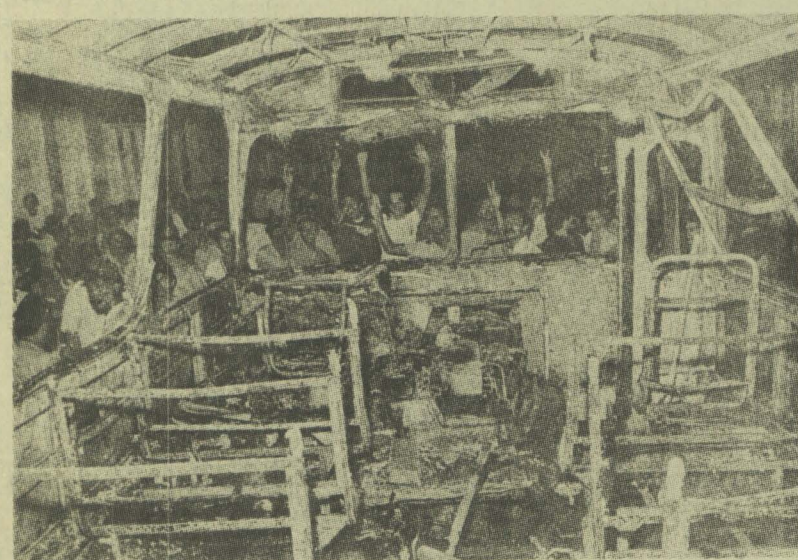
potência “social-imperialista” — socialista de nome e imperialista de fato. Daí para frente, interveio na Tchecoslováquia, em Angola, na Etiópia, no Afeganistão e disputa o domínio mundial com o imperialismo americano. Tudo isto teve grande repercussão no movimento comunista. No Brasil, uma árdua luta manteve o partido marxista-leninista, como veremos a seguir.



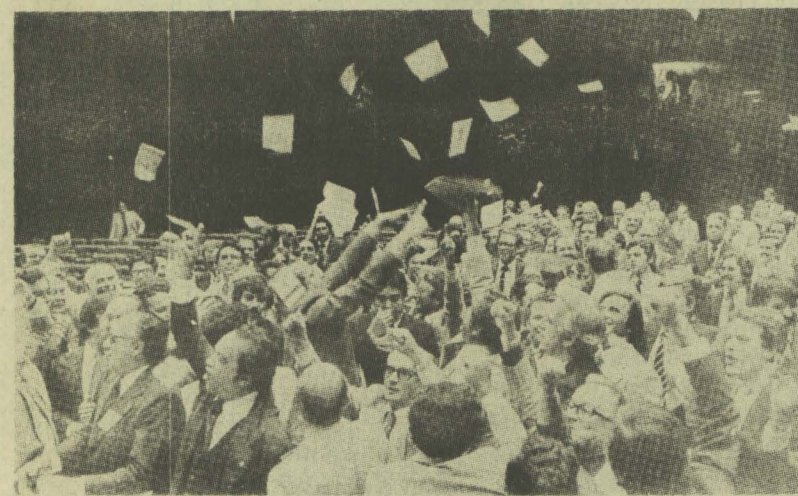
Arquivo de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

1981 Balanço

O general Figueiredo disse que está contente com o que fez durante o ano passado. É uma demonstração de cegueira ou então de mau gosto. Na verdade, em todos os terrenos o governo só tem fracassos a apresentar. O país vive uma crise industrial como nunca viu em sua história. Os trabalhadores vivem uma situação cada dia mais dramática, premidos pelo desemprego e pela fome. O movimento de oposição ao regime estende-se por amplas camadas sociais. Até mesmo setores das classes dominantes fazem restrição ao poder dos generais. O regime militar apodrece a olhos vistos, gerando luta entre os próprios caciques do Palácio do Planalto. E o general Figueiredo ainda diz que está contente!



Depois da revolta de Salvador, o povo acena com o V da vitória



No Congresso Nacional, a oposição comemora o fim da sublegenda

O regime militar apodrece

Terrorismo, chantagem sobre o Congresso Nacional, repressão, fraude das normas eleitorais, tudo isto foi usado pelos generais em 1981 para manter o poder que usurparam desde 1964. Mas não deram solução para nenhum dos graves problemas do país. O regime militar desmascarou-se como reduto da opressão e do obscurantismo e entrou em acelerado processo de desagregação, odiado pelo povo e sacudido por contradições internas.

Quando no fim do ano as oposições vetaram no Congresso Nacional a tentativa do regime de estender as sublegendas para a eleição dos governadores, os generais sentiram uma ameaça ao seu monopólio do poder. Passando por cima de todas as normas democráticas, o general Figueiredo, com o pacote eleitoral de novembro deu a ordem de "mãos ao alto" às oposições. Demonstrou que o regime só tolera eleições se conseguir forjar previamente a vitória do partido do governo.

Biombo do regime protege o terror

Todos os fatos deste ano seguiram esta lógica. Provaram que apesar de isolados e repudiados pela imensa maioria, os generais que entraram no Palácio do Planalto através da força só deixariam o poder pela força de um vigoroso movimento popular e democrático.

Já em fevereiro, diante da denúncia de uma casa de torturas do DOI-CODI em Petrópolis pela expressa política Inês Etienne, os chefes militares bateram com os punhos na mesa: "É revanchismo! As Forças Armadas são intocáveis!" E, com esta defesa apaixonada dos torturadores, mostraram que todos têm "rabo de palha". E que por isto não podem abrir mão do biombo protetor do regime.

Ainda em fevereiro, para manter o Legislativo sob a tutela do Executivo — o que é fundamental no esquema de monopólio de poder dos militares — o governo através de ameaças e corrupção impediu a eleição do deputado Djalma Maranhão para a presidência da Câmara Federal e impôs a escolha de Nelson Marchesan, homem dócil às suas ordens. Esta manobra aceleraria a desagregação do próprio esquema parlamentar governista, como ficou demonstrado no episódio das sublegendas e do pacote da previdência, derrotados com a ajuda dos "dissidentes" do PDS.

A evolução da crise semeou o descontentamento por todo lado. O monopólio do poder nas mãos dos generais gerou atritos até com setores importantes das classes dominantes. Os conflitos chegaram às

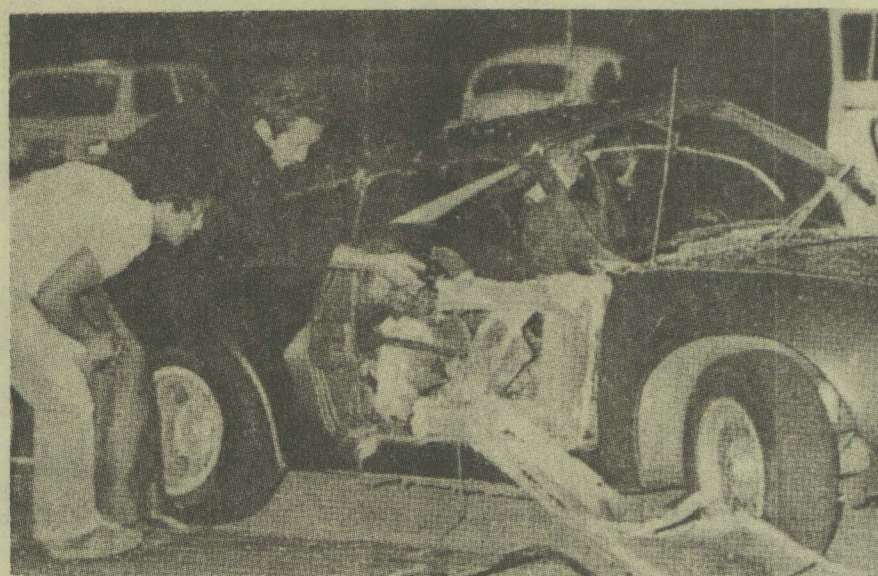
cúpulas militares. Não pela democracia, uma vez que os generais, com alguma raríssima exceção, estão todos de acordo com o regime atual. Mas disputa de camarilhas para decidir quem fica no comando e como sufocar as lutas democráticas. Grupos terroristas praticaram inúmeros atentados, sempre acobertados pelo regime.

Proteção ao DOI acelera a crise

Mas de tanto ir à fonte um dia o pote se quebra. Uma bomba "mal educada" matou o sargento Rosário, feriu o capitão Machado e colocou o DOI-CODI no centro de uma grave crise política, gerando pronunciamentos desencontrados das autoridades. O general Gentil Marcondes, então comandante do I Exército, disse imediatamente que os dois militares do Puma do Riocentro eram vítimas e enterrou o sargento com honras de herói. O general Figueiredo limitou-se a pedir o apoio das oposições ao seu governo para "impedir o retrocesso". Todas as forças democráticas exigiram a apuração da verdade e a punição dos terroristas. Até mesmo oficiais das Forças Armadas manifestaram descontentamento com as vergonhosas manobras para encobrir o crime. O almirante Bierrenbach, do Supremo Tribunal Federal chegou a dizer: "Lamento muito mas estamos diante de um crime dos mais nefandos, terrorismo à beira da impunidade".

Mas os generais mostraram que estão dispostos a tudo para manter as Forças Armadas "intocáveis" e oficialmente consideraram que os dois agentes do DOI-CODI foram vítimas. Mas esta afronta à todas as evidências isolou ainda mais o regime e acelerou a sua desagregação.

Demonstrando ilusões com Figueiredo, todos os presidentes dos partidos legais de oposição foram prestar apoio ao general, esperando com isto ajudar o esclarecimento do ato terrorista. O representan-



A explosão no Puma do Riocentro pôs a nu a conexão regime-terror

te do PT chegou a declarar que reuniões daquele tipo deveriam ser mais frequentes. Pouco depois os deputados Marcelo Cequeira e Alberto Goldman tentavam fazer com que o PMDB silenciase sobre o terrorismo e acatasse o resultado do Riocentro fosse qual fosse o resultado. O agrupamento revisionista de Giocondo Dias (PCB) lançou um documento defendendo que não se devia "a priori" recusar a mão estendida de Figueiredo.

Mas a prática logo indicou que não será cedendo diante das pressões dos generais que o povo conquistará seus direitos e que de nada vale mendigar eleições à moda dos ditadores, com cartas marcadas para dar vitória ao partido do governo. A tentativa de conciliar para "melhorar" o regime só pode contribuir para perpetuar a opressão. Com muito acerto os trabalhadores reunidos na Conclat indicaram que "o fim do regime é indispensável para se atingir a democracia".

Golbery abandona o navio desgovernado

O segundo semestre marcou por um lado maior unidade das forças

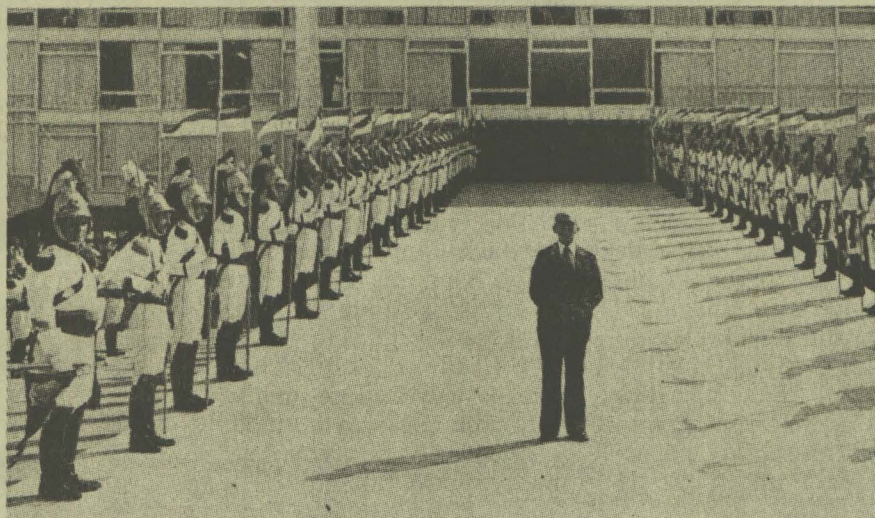
populares, e por outro o aguçamento dos choques no interior do regime. A política de "abertura" esgotou-se, incapaz de conter as lutas democráticas, e seu principal artífice, o general Golbery, perdeu o controle dos conflitos na equipe governamental. No dia 6 de agosto, prevendo o naufrágio, Golbery abandonou o barco do governo. E com sua demissão abriu uma das mais graves crises de governo desde 1964, tornando mais precário o poder militar.

A grande divisão é com a ditadura

Daí para frente o governo só colheu novos problemas. O general Figueiredo, "pressionado por todos os lados" como disseram seus assessores, foi vítima de um enfarte e os ministros militares fizeram malabarismos para camuflar a sua tutela sobre a nação. Deixaram o Vice-Presidente assumir, desde que não mudasse nada, não opinasse, sobre nada, não governasse nada e não reclamasse. E Aureliano Chaves, segundo o próprio general Figueiredo, "foi exemplar". Em novembro o general teve ainda o dissabor de ver as sublegendas e o pacote da previdência sofrerem derrotas no parlamento, com a ajuda de parlamentares do próprio PDS.

Enquanto o regime se desagregava, as forças progressistas, pela própria necessidade de defender seus direitos, buscam o caminho da unidade. Os generais falam em radicais e moderados, mas apenas para esconder a grande divisão em nosso país, entre o regime militar opressor e a nação brasileira ansiosa por liberdade e progresso.

Nesta situação, uma sólida unidade popular, tendo à frente a classe operária, pode vencer as vacilações de certas correntes conciliadoras e impulsionar uma ampla frente democrática, capaz de varrer do país a opressão, a fome e o entreguismo.



O general Golbery, que pulou fora numa das crises do governo

Organização do povo avançou

1981 caracterizou-se como um ano de organização dos trabalhadores. A Conclat, que reuniu em agosto 1.091 entidades sindicais e 5.036 ativistas, é a expressão concentrada disto. Depois de um período de centenas de greves em 1978-1980, muitas delas espontâneas, os trabalhadores subiram um patamar na sua unificação a nível nacional, para a luta.

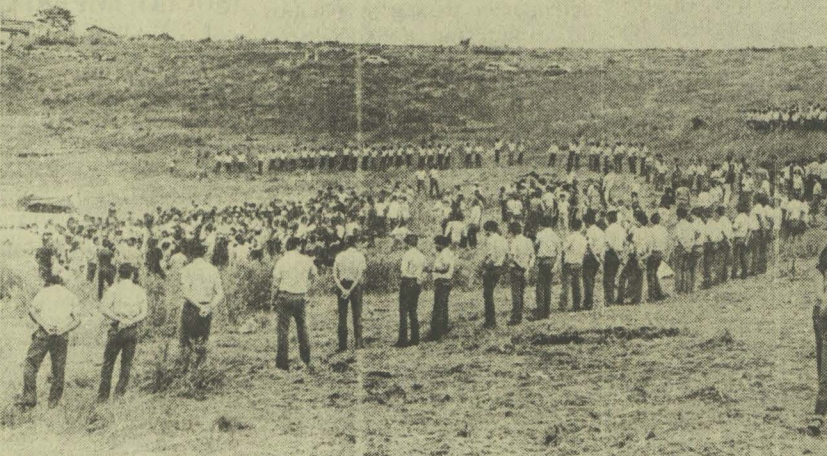
A Conclat também foi o espelho da disposição do povo brasileiro. Os sindicalistas apoiaram a Constituinte, repudiaram a política econômica e antipopular do governo, atacaram as propostas conciliadoras de pacto social com os capitalistas para "superar" a crise e vaiaram os defensores da divisão sindical. Concluíram: "O fim do atual regime militar é condição indispensável para se atingir a democracia no país".

Os trabalhadores tomaram a decisão de criar a Comissão Pró-CUT e de fundar a CUT em 1982, quebrando a estrutura sindical fascista. Se por um lado saltou aos olhos a combatividade dos assalariados, por outro ficou claro que entre os dirigentes da Pró-CUT ainda predomina o velho, o imobilismo sindical. Exatamente para quebrar este predomínio é que em 1981 começou a ganhar força uma nova corrente sindical, que defende o fortalecimento das entidades de classe e sua participação ativa nos movimentos sociais. O ponto alto desta nova corrente se deu com a formação da chapa União Metalúrgica, que concorreu nas eleições do Sindicato, em S. Paulo.

DESEMPREGO AINDA SEM RESPOSTA À ALTURA

Se o nível de organização aumentou, o desemprego e a recessão, que arruinaram milhares de famílias, ainda não tiveram a resposta exigida. Em maio os metalúrgicos da Volks do ABC deram um coeso não à tentativa dos patrões de reduzir os salários. Ocorreram também as greves da Fiat do Rio, que durou 42 dias, e da Ford de São Bernardo. Mas a resposta isolada às demissões se mostrou insuficiente. Os assalariados procuram novas formas de luta. Compreendem que a luta não pode mais se restringir às questões econômicas. Ela deve se dirigir contra toda a orientação política e econômica dos militares. Por isso teve ressonância no ano, a proposta de greve geral nacional.

Dentro deste quadro, desta-



Posseiros urbanos em São Paulo sitiados pela Polícia Militar

cou-se um movimento de caráter nitidamente político: em novembro, os operários da Ford, Mercedes e Volks entraram em greve contra a condenação de onze sindicalistas do ABC.

Demonstrando a eficácia das paralisações nacionais unificadas, ganhou peso a greve dos 110 mil docentes universitários que obteve vitórias. Os professores enterraram de vez a tentativa divisionista de criar uma entidade paralela, fortalecendo a sua Confederação (CPB).

CONFLITOS NO CAMPO SE ACIRRAM MAIS

No campo foram registrados em todo país 257 conflitos pela terra em 1981, envolvendo 40.530 famílias, cerca de 200 mil pessoas. Os jagunços assassinaram 15 líderes sindicais. Mas tiveram resposta à altura dos lavradores, que não se intimidaram.

No Araguaia, ponto quente da luta no campo, o governo interveio diretamente para impedir que os trabalhadores rurais retomassem o seu Sindicato. Com a radicalização da luta, chegou a haver desembarque de tropas do Exército para desarmar os posseiros. O combate atingiu tal nível que o próprio GETAT teve que legalizar terras ocupadas pelos posseiros.

Em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, o governo enviou à área o sinistro Major Curió para expulsar e desorganizar 300 famílias de colonos. Mas o seu canto não abalou a combatividade dos gaúchos.

Toda esta disposição de luta fez com que o nível de organização crescesse. Dezenas de encontros de trabalhadores rurais foram feitos durante o ano, com destaque para o Encontro dos 400 Delegados de Base dos canavieiros de Pernambuco. Foi a primeira reunião de delegados de base desde o golpe militar. Os usineiros tiveram que dar o braço a torcer, atendendo as reivindicações dos trabalhadores da cana.

RADICALIZAÇÃO DA LUTA POPULAR

As manifestações populares se espalharam por todo o Brasil e com um dado novo: atingiram alto grau de radicalização. É só lembrar os acontecimentos da Bahia. Com o aumento do preço dos ônibus e a intransigência do governo em negociar, estourou o quebra-quebra, com cerca de 700 veículos destruídos. A explosão



5 mil trabalhadores na cerimônia de abertura da CONCLAT em agosto

trouxo vitórias: reduziu as tarifas e levou à exoneração do prefeito de Salvador.

E não foi só em Salvador. No município paulista de Santa Cruz das Palmeiras, por exemplo, o povo pôs a polícia para correr e tomou a cidade por cinco dias. É certo que são movimentos espontâneos, mas eles indicam o nível de descontentamento do povo.

Também ocorreu o fenômeno das invasões de áreas urbanas em todo o país. Os trabalhadores pressionados pela elevação dos aluguéis, organizaram ocupações de terras ociosas. Não que as invasões e as favelas sejam novidades. Só que antes eram feitas de forma individual.

O descontentamento chegou até os quartéis. Houve manifestações da FM em vários Estados. Mas foi na Bahia onde o choque foi mais frontal, com o Exército sendo chamado a reprimir os revoltosos, o que resultou na morte de um tenente da PM, em março.

Toda esta inquietação resultou em saldo organizativo. O Movimento Contra a Carestia, que esteve à frente da luta contra o aumento dos preços dos transportes, espalhou-se por várias cidades. As mulheres, importante parcela da população, reconstruíram suas entidades de luta: os estudantes secundaristas, mais de 15 milhões, reergueram a sua entidade nacional, a UBES; as Associações de Moradores de Bairros realizaram inúmeros encontros regionais rumo ao Congresso Nacional.

MAIS CAPACITADOS PARA A LUTA EM 82

A somatória de toda esta movimentação indica que para 1982 os trabalhadores se encontram melhor capacitados para responder às tentativas dos capitalistas e do governo de jogar sobre eles o ônus da crise. E se todos estes setores populares se unirem, mais próximo o dia em que os opressores poderão à tutela do país.

Crise industrial estourou em 1981

Estamos vivendo uma grande crise industrial em nossa História. O ano de 1981 marcou uma brutal mudança na economia brasileira. Mais de três milhões de trabalhadores foram jogados na rua pelo desemprego. A indústria teve uma queda de 10% na sua produção e o comércio também caiu de 10 a 15%. A indústria de veículos produziu um terço a menos.

Houve uma queda violentíssima no consumo da economia e no padrão de vida da população — principalmente dos assalariados. Também marcante foi a queda de 3,5% no consumo de óleo diesel, o que não aconteceu na década de 70, mesmo nos anos mais difíceis do choque de preços do petróleo. Isso demonstra que o setor de transportes também foi seriamente atingido.



Rio, 1981: 30 mil desempregados para 300 empregos

NEM AJUDA DE S. PEDRO SALVOU A ECONOMIA

Só a agropecuária, ajudada por São Pedro, teve crescimento, em torno de 7%. Mas como esse setor está muito ligado ao mercado exterior sofreu o efeito da queda dos preços no mercado mundial. O preço internacional do café caiu 33%, o do açúcar 15% e o da soja em grão ficou congelado.

Este setor recebeu um rude golpe do governo: os juros do crédito rural passaram de 15% para 45%. E isso afetou o custo da produção. A venda de adubos em 1981 caiu 30% e a de tratores até outubro caiu 45%.

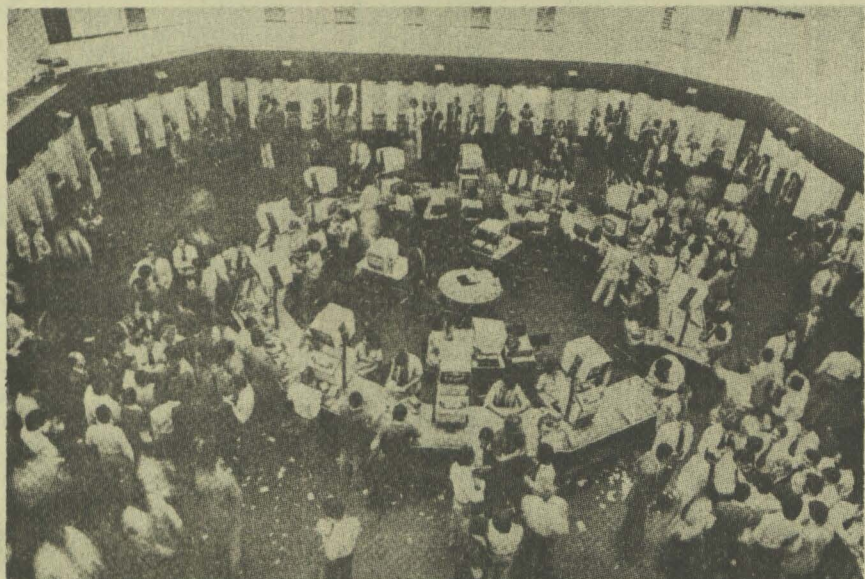
Em 1981 o orçamento das famílias dos trabalhadores foi criminosamente archoado — o que contribuiu para o estreitamento do mercado interno. Várias foram as formas de archo: desemprego em massa; modificação na lei salarial visando arrochar os salários mais altos; aumentos generalizados nas taxas, impostos e tarifas dos serviços públicos. Um exemplo desse comportamento são os aumentos da contribuição para o INPS, decretados à traição pelo general Figueiredo.

O archo também foi aplicado pelos patrões, impondo acordos de redução salarial em várias empresas, principalmente na metalurgia. Contrariando as propostas dos sindicatos de trabalhadores, os patrões reduziram a jornada de trabalho e os salários.

A CRISE BRASILEIRA TEM OS SEUS VERMES

Outra pedrada nos trabalhadores foi o reajuste do salário mínimo. Em maio e novembro os reajustes foram pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) e o governo cortou os 10% a mais que a lei salarial instituiu, trazendo enorme prejuízo para os trabalhadores. Além disso o salário mínimo serve como referência para o cálculo das faixas salariais na aplicação do reajuste legal.

Uma prova da perda de poder aquisitivo dos assalariados está na queda de produção das indústrias de alimentos, roupas, etc., que foi de 2%. O consumo interno de carne — também indicador importante — caiu 20% nos dois últimos anos.



Mercado de ações, paraíso do lucro fácil para os vermes da crise

Nem todos sofreram com a crise. Assim como um defunto que apodrece é uma alegria para os vermes, também a crise brasileira tem seus vermes. Já no primeiro semestre de 1981 uma notícia destoava do quadro de crise: os maiores bancos tiveram um aumento de 402% nos seus lucros. Mais de 350% acima da inflação do semestre.

Não há dúvidas, 1981 foi o ano dos banqueiros, principalmente dos norte-americanos, europeus e japoneses. A dívida externa cresceu 20% só nesse ano e já atingiu 70 bilhões de dólares. Só de juros pagamos 9 bilhões em 1981 — o que equivale a toda a exportação de produtos básicos.

A penetração do capital estrangeiro nas finanças cresceu nada menos que 33% em 1981. Hoje, do total de recursos utilizados pelos bancos comerciais, mais de 20% são de origem estrangeira. A dívida interna do governo, que é a alegria dos financistas, já atinge 3 trilhões de cruzeiros. E o pior é que os juros são pagos com impostos.

AS FALSAS VITÓRIAS QUE O GOVERNO CANTA

A Bolsa de Valores também foi um paraíso para os monopólios e especuladores. Das ações mais negociadas, 22 tiveram lucros de 200 a 300%, 18 entre 300 e 500% e as ações de 5 empresas tiveram lucros acima de 500%. O capitalista que jogou dinheiro em ações do grupo Sudameris, por exemplo, teve lucro de 858,6%. Multiplicou nove vezes seu dinheiro!

Mesmo com toda a desgraça social a máquina publicitária do governo canta vitórias no combate à inflação e no comércio exterior.

A taxa de inflação passou de 110% para 96% — ou seja, o Brasil se manteve entre os campeões mundiais da inflação. E o pior é que essa ligeira queda foi conseguida em cima dos setores mais fracos da economia através do achatamento do consumo da população.

Os setores monopolizados da economia continuaram elevando as insuportáveis taxas de inflação. O setor de veículos, que é um dos mais monopolizados e também um dos mais afetados pela crise, teve um aumento de 146% nos seus preços, muito acima da taxa de inflação.

Quanto a vitória tão falada de 1 bilhão de dólares das exportações sobre as importações, apenas revela um fraco resultado. Ao fechar suas contas internacionais o país teve um rombo de 10 bilhões de dólares, dez vezes maior que o saldo no comércio. Não adianta, a demagogia não esconde a crise. O ano de 1981 foi um atestado de falência para a política econômica dos generais.



Nas capitais europeias, mais de três milhões de manifestantes contra os planos agressivos de Reagan e de Brejnev

1981: guerra à guerra imperialista

A ano de 1981 se caracterizou por uma situação internacional extremamente tensa, complexa e difícil. Importantes forças sociais e políticas se confrontaram em todo o mundo com grande violência e intensidade. Estes acontecimentos encerram lições para a luta de libertação do próprio povo brasileiro.

A crise e o apodrecimento penetram em todos os poros do capitalismo

No fundo de toda a instabilidade que marcou a situação internacional no ano passado, está a crise multilateral que assola o sistema imperialista. Nesta fase de decomposição extrema do capitalismo, o apodrecimento penetra na economia, na política, na moral, na cultura, em todos os poros da sociedade. Em 1981 o que mais saltou à vista nessa crise geral foi a extrema instabilidade política que se espalhou por todo o mundo. Parece até que uma epidemia de golpes de estado, quedas de governos, demissões de ministros, etc., tomou conta do globo.

Na África foram dados golpes de estado em vários países, entre os quais Gana, Gambia, Uganda, Libéria e República Centro-Africana. No Oriente Médio, o reacionário presidente do Egito, Anwar Sadat, foi morto num atentado em outubro. Na América Latina, até as ditaduras militares do Cone Sul entraram no turbilhão, com mudanças de generais-ditadores no Uruguai e na Argentina.



Militares matam Sadat, no Egito

Mas, de certa forma, foi na Europa que a instabilidade assumiu proporções mais vastas. Desde as tentativas de golpe na Espanha, passando pelo recente golpe militar na Polônia, até a derrota dos governos de direita nas eleições gerais da França e da Grécia, praticamente nenhum governo europeu atravessou incólume o conturbado ano de 1981. As classes dominantes dos países capitalistas não conseguiram continuar governando como antes.

O capitalismo se vê sacudido hoje por sua mais grave crise cíclica de superprodução desde a grande Depressão de 1929. Ela vem se prolongando em parafuso desde 1974 e ainda não deu sinal de melhoria. Só no último trimestre do ano passado, a produção nacional global dos Estados Unidos sofreu uma queda de 5,4%. A Europa

bateu o recorde de desemprego desde a 2ª Grande Guerra. Ao final do ano, o número de desempregados só nos países do Mercado Comum Europeu e nos Estados Unidos totalizava 19 milhões! A taxa de desemprego ficou em 12,6% na Bélgica, 12,4% na Inglaterra e 8% nos Estados Unidos. A inflação se manteve elevada para a realidade desses países: 10,5% nos Estados Unidos; 12,2% na Inglaterra e 20% na Itália.



Guerrilheiros em El Salvador

A crise do capitalismo atingiu em cheio também os países que traíram o socialismo e restauraram o império do capital. O caso da Polônia é o mais gritante. Mas a economia soviética, em 1981, viveu um processo de estagnação reconhecido pelo próprio comandante e chefe do revisionismo, Leonid Brejnev. Na China, os dados oficiais acusam uma inflação de 7,2% e um índice de desemprego de 10%. A Iugoslávia teve o índice de inflação mais alto de toda a Europa — 58,6% em novembro de 1981. Face à gravidade da crise, os países revisionistas escancararam as portas para a maior penetração de capitais ocidentais. As dívidas externas alcançaram cifras astronômicas — 27 bilhões de dólares na Polônia, 18 na Iugoslávia e 13 na Romênia.

As guerras de 1914 e 1939 surgiram de disputas parecidas com as de 1981

Neste quadro, a possibilidade de uma conflagração mundial se torna cada vez mais concreta. As grandes guerras imperialistas eclodiram em momentos de disputa por uma redivisão mundial entre as potências imperialistas. Foi assim em 1914 e em 1939. Este processo se fez sentir com força em 1981.

Em primeiro lugar, a posição privilegiada dos Estados Unidos e da União Soviética à cabeça dos seus respectivos blocos imperialistas vem sendo cada vez mais criticada pelas potências de menor porte. Exemplo disto é o bombardeio de críticas que foram dirigidas ao presidente Reagan na Conferência de cúpula dos sete países mais industrializados do mundo ocidental, realizada em julho no Canadá. Por seu lado, a União Soviética não vê com bons olhos a velocidade com que os países de sua órbita estão abrindo suas economias aos capitais ocidentais.

Em segundo lugar, ambas as superpotências se esforçaram

até aqui em respeitar até certo ponto suas respectivas zonas de influência, marchar ao mesmo ritmo na corrida armamentista, evitar uma guerra direta. Mas em 1981, como resultado da crise e do seu desenvolvimento desigual, esse equilíbrio se rompeu. Cada passo de uma superpotência choca-se com os interesses da outra. E aqui surgem os perigos de confrontos armados que podem conduzir a humanidade a uma guerra imperialista geral.

Assim, em 1981 houve uma grande ofensiva de penetração soviética na América Latina, tradicional "quintal" americano. A URSS se manteve como o principal parceiro econômico da Argentina, firmou uma série de acordos com o governo e empresários brasileiros quando da viagem de Delfim a Moscou, em julho, e reconheceu rapidamente o governo golpista do general Gacia Meza, para firmar acordos de exploração do gás boliviano. Já os Estados Unidos não param de intervir nos assuntos internos da Polônia, por intermédio do Vaticano e da direção do Solidariedade. A China se concentrou na Índochina, tentando e tender sua influência na região.

Um movimento de massas sem igual na Europa, com 3 milhões em passeatas

Por fim, a ameaça de guerra se aguça ainda mais com a militarização das economias dos países capitalistas. O presidente Reagan encaminhou o maior orçamento militar da história dos Estados Unidos, onde se inclui um pacote de 180 milhões de dólares para o desenvolvimento de novas armas, entre elas a terrível bomba de nêutrons.

Qualquer dos numerosos focos de tensão no mundo pode se tornar fagulha do conflito inter-imperialista. Em 1981, no Oriente Médio, Israel anexou as colinas de Golan, pertencentes à Síria; a África do Sul invadiu e ocupou o sul de Angola; o governo Iugoslavo atacou a população de Kosovo e a República Popular Socialista da Albânia, nos Balcãs.

Mas o ano passado registrou também o impetuoso avanço da luta dos trabalhadores e dos povos pela paz, pela liberdade e pelo bem estar. Com exceção da Albânia, o único país socialista do mundo (ver matéria na página 8), a situação no mundo é cheia de conflitos e de revoltas. A luta operária e popular viveu uma intensificação

sem precedentes desde a década de 30.

As greves e manifestações se tonaram mais frequentes e a participação dos operários atinge números impressionantes. Na Europa ocorreram autênticas rebeliões populares, como a de Brixton, na Inglaterra. Nos países dependentes, a luta operária se colocou na cabeça do combate aos regimes autoritários e sua política anti-popular. Cabe ressaltar a importância da greve dos mineiros da mina El Teniente, no Chile, e das greves operárias que se alastram na África do Sul.

As lutas dos povos pela sua independência nacional tiveram um novo alento em 1981, destacando-se as ações armadas em El Salvador e Guatemala; a greve de fome dos militantes do IRA, na Irlanda do Norte, onde uma dezena morreu, exigindo tratamento digno no presídio de Maze; a resistência do povo afegão na luta contra os 85 mil soldados soviéticos estacionados no Afeganistão.

Mas um movimento de massas sem precedentes ocorreu na Europa, onde entre outubro e dezembro, mais de 3 milhões de pessoas se manifestaram contra a ameaça de guerra em gigantescas concentrações nas principais capitais europeias. E o mais importante é que todas as manifestações foram inequívocas na condenação da política belicista dos Estados Unidos como da União Soviética, identificando a ambos como responsáveis pela ameaça de guerra no mundo!

Ou as revoluções impedem a guerra, ou a guerra desencadeia as revoluções

O balanço da situação internacional em 1981 deixa claro que os povos tem que se preparar para duas alternativas — ou fazem a revolução e impedem a guerra, ou o imperialismo conduzirá o mundo a uma nova catástrofe. E mesmo no caso dos imperialistas delataram uma nova guerra mundial, a classe operária e os povos podem ter forças para voltar suas armas contra os governos burgueses, conquistando pela via revolucionária uma paz duradoura. A luta dos povos e o socialismo estão na ordem do dia não só para acabar com a exploração capitalista e com o jugo imperialista, mas também como uma necessidade histórica para jogar por terra os planos belicistas do imperialismo.



Os racistas sul-africanos invadiram e ocuparam o sul de Angola



Não deixe de ler, na página 7, a carta sobre o líder popular cuiabano Antonio Ferreira, presidente da Associação dos Moradores do Barão, morto à traição, pelas costas, na véspera de Natal. Simples trabalhador, ele despertou para a luta da sua gente, fez sua a bandeira de Tiradentes, onde se inscreve o lema "Liberdade, ainda que tardia". Por isso morreu, crivado de balas, vítima da luta pela terra, que começa a ganhar nas cidades a mesma violência que já invadiu o campo. Os criminosos continuam à solta. Mas, na impressionante multidão que compareceu ao sepultamento do líder assassinado, quantos novos Antônio não haverá? O personagem dessa história era também assíduo leitor e divulgador da **Tribuna Operária**. "Mostramos todo apoio à **Tribuna**, por ser da classe operária", dizia, numa carta a esta redação. Deixamos aqui nossa homenagem a mais este mártir da saga libertadora do nosso povo trabalhador.

Grupo Sílvia Santos engana contribuintes

Venho comunicar através deste jornal o caso ocorrido com a minha irmã Sebastiana Raimundo Bispo, junto ao Clube de Assistência Médica (CLAM), do Grupo Sílvia Santos.

Minha irmã é sócia há cinco anos da referida organização e vem pagando regularmente os carnês sem atrasar um mês sequer. Procurou o hospital do CLAM para se tratar de uma doença, cujo diagnóstico era gravidez. Após nove meses de tratamento, como a criança não nascia, procurei o diretor clínico do hospital, dr. Enilson Silvano, para obter dele uma solução quanto ao caso. Surpreendentemente, asperamente ele me informou que a gravidez era psicológica e não havia patologia para a cirurgia. O médico ainda propôs a compra dos carnês e que ela



Casa da Banha fecha criminosamente escola

O Grupo Casas da Banha, Comércio e Indústria S/A, quando adquiriu o poder acionário do Ideal S/A Supermercados, tomou para si a responsabilidade de manter a Escola Euzébio Tostes. Esta escola era mantida por uma sociedade criada e mantida pelos funcionários, com o desconto mensal de 1,5%, de seus salários. A outra parte das despesas era coberta pela empresa.

Quando o Grupo Casas da Banha assumiu a direção da empresa, a primeira coisa que tentou fazer (com alegação de que a escola não dava lucro) foi acabar com ela. Só não conseguiu de imediato porque o MEC informou só ser possível dar entrada no processo para fechamento de colégios no final do ano. O Grupo CB passou então a agir diretamente sobre os professores. Não concederam aumento de salários, os pagamentos eram feitos com atraso, não liberavam material

necessário para o funcionamento da escola. Enfim, a escola só não ficou no total abandono porque as professoras não esmoreceram e continuaram dando aulas.

No início de novembro o Grupo CB enviou comunicado à escola, informando que tinham pedido o fechamento da escola. A diretoria do grupo CB não quis discutir nenhuma alternativa, preferiu pura e simplesmente fechar a escola, não se preocupando com a situação das professoras, dos funcionários e principalmente das crianças, que serão as principais prejudicadas.

Sendo o Brasil um país onde o ensino é precário e as escolas pouquíssimas, chega a ser um ato criminoso fechar uma escola que leva o ensino a quase mil crianças, sob a alegação de que escola não dá lucro.

(Uma professora de Caxias, Rio de Janeiro)

Operários do Cabo não recebem seus salários-família

Continua sem solução o grave problema que enfrentam os trabalhadores da CPR (Companhia de Produtos Refratários), localizada na cidade do Cabo. Trata-se do não pagamento pela empresa, durante todo este ano de 1981, do salário-família a que os empregados têm direito, garantido por lei. Também recebem seus salários com atrasos, através de vales que nunca chegam a representar o valor real do que percebem como pagamento durante cada mês.

A crise que vem enfrentando esta empresa, reflexo da crise geral na economia do país, não interessa de forma alguma aos trabalhadores, não devendo pagar por ela, uma vez que nada fizeram para provocá-la.

(Lúcio Fernando Monteiro Pereira, secretário do PMDB no Cabo, Pernambuco)



Ademir Torres, o presidente eleito

Moradores tomam entidade da Cohab em Recife

No dia 29 de novembro, realizaram-se eleições para a diretoria da Associação dos Moradores da UR-10, Vila da Cohab na periferia de Recife. A chapa 2, de oposição, obteve 204 votos contra apenas 40 dados à chapa 1, do pelego Amaury. Concluída a apuração, uma explosão de alegria irrompeu entre os moradores. Entre aplausos e explosões de fogos, o presidente eleito, Ademir Ferreira Torres, foi carregado nos ombros.

A vitória da chapa 2 põe fim a dois anos de imobilismo e incompetência. Ademir e seus companheiros já vinham na prática liderando a Associação, através da Comissão de Moradores, com reuniões de rua, assembleias e idas à prefeitura para solucionar os dois problemas mais urgentes da vila: a canalização das fossas e a construção de ladeiras de acesso. "Nossa posse será uma festa democrática e valorizará a unidade e a organização do povo", afirmou Ademir Torres.

(I.B., amigo da TO no movimento de bairros de Recife, Pernambuco)

Estudantes são agredidos pela PM de Guarulhos

Os alunos da E.E.P.G. Professor Alves dos Santos, em Guarulhos, foram desrespeitados pela polícia local.

Há questão de dois meses atrás, um aluno que circulava nas imediações do colégio foi detido junto com outros menores que circulavam por ali. Num outro dia uma viatura que passava pelas imediações do colégio prendeu outro menor e desacatou uma jovem estudante, mandando que ela fosse pra casa, e usando palavras sujas para com a menor. Os alunos que estavam no pátio do ginásio se revoltaram e se manifestaram contra a brutalidade, o desrespeito dos policiais, gritando e falando. Num outro dia a viatura voltou ao local às 19h, horário da entrada dos alunos da noite, e brutalmente gritou: "Vamos ter que por estas meninas para dentro do galinheiro". Os policiais consideram as estudantes da cidade como se fossem simples trastes. Essa visão das autoridades da cidade está revoltando todos os estudantes guarulhenses.

(Um amigo da TO em Guarulhos - São Paulo)

Político do Piauí atrapalha comício da oposição

Venho através desta carta relatar maus procedimentos do sr. Chico Alves. No dia 16 de dezembro, realizou-se aqui no bairro Itararé um comício do PP. O sr. Chico Alves mostrando sua falta de moral e de caráter, mandou prostitutas e pivetes agredirem física e moralmente homens de reconhecido valor moral e intelectual, que são os srs. Deoclécio Dantas e Wall Ferraz.

Assim senhores, ele mostra que não passa de um moleque sem moral, líder de prostitutas e pivetes batedores de carteiras. Não se admite que um veículo de comunicação como a Rádio Pioneira feche as portas, para o sr. Deoclécio Dantas, e aceite um moleque como é o Chico Alves.

(Pedro Ernesto Cardoso - Teresina, Piauí)

Loteador paulista fez fortuna grilando terra

Mora num palacete, rodeado de jagunços contratados em Mato Grosso

Mário Ramos de Freitas é um dos maiores grileiros e loteadores clandestinos de São Paulo. Começou suas atividades na região de Presidente Prudente, em áreas rurais onde a posse da terra era muito controvertida. Ali a grilagem era feita a ferro e a fogo, na base da violência, com capangas e polícia, inclusive. Mais tarde, veio para a capital, onde descobriu que era muito mais fácil vender lotes para os trabalhadores, que só têm tempo de trabalhar.

Seus loteamentos não obedecem aos mínimos requisitos da lei que regula a matéria. O infeliz do comprador compra e constrói; depois é que vai descobrir que o lote não reveste as exigências da lei e por isso não poderá receber a escritura. Suas vítimas são, preferencialmente, as pessoas mais pobres, mais ignorantes e as mais humildes possíveis.

Usando esta tática, Mário Ramos de Freitas construiu uma verdadeira fortuna. O seu escritório na

rua Conselheiro Crispiniano, 51, no centro da cidade, é dotado de uma dependência que é uma espécie de fortaleza. Ali ele é vigiado por forte esquema de segurança. São comuns as brigas entre vítimas e funcionários, que vão fazer suas reclamações e procurar o grileiro para matar. Ele mora numa mansão no bairro Alto de Pinheiros. Para viajar a mansão existe uma guarnição de guardas particulares e capangas recrutados em Mato Grosso.

Certa vez, Mário Ramos ofereceu uma fortuna para um pobre advogado de Campo Limpo para desistir das ações que patrocinava, de inúmeras vítimas pobres. Como o advogado não desistiu, passou a ser perseguido e recebeu esta resposta do grileiro: "Se você continuar advogando para pobre, vai morrer de fome ou de bala".

Um dos exemplos da atuação do grileiro Mário Ramos: três trabalhadores, todos pedreiros: um pai

de 10 filhos, outro de 5 e outro de 6 filhos, compraram um lote no Jardim Maria Helena, em Taboão da Serra. Ficaram desempregados e, para não deixar os filhos passarem fome, tiveram de atrasar as prestações. Ficaram quase um ano desempregados, mas nem um dos três ultrapassou 1 mil cruzeiros de atraso. Mas o grileiro quis tomar os lotes deles, cobrando mais de 20 mil cruzeiros para que recuperassem seus lotes. Ajuizaram ação contra o grileiro e ganharam a causa. Só que agora não conseguem receber sua escritura porque o loteamento é clandestino.

Existem em São Paulo mais de mil ações contra Mário Ramos e sua firma. Segundo o prefeito de Taboão da Serra, Armando Andrade, este grileiro já foi condenado à prisão em quatro processos. Mas ele não vai para a cadeia porque já tem mais de 70 anos e goza do benefício do sursis.

(Um advogado amigo da Tribuna - São Paulo, SP)

Fascistas do PDS baiano de Maracás dominam a cidade

Em Maracás, perto de Jequié, a situação é dominada por duas famílias. Uma delas é a família Mariniello, de origem italiana, dirigida por três conhecidos fascistas: Cláudio, José e Vicente Mariniello. A segunda família é a do prefeito Jaime Miranda Portela, que foi vaqueiro e cresceu por causa dos favores políticos. Essas famílias têm o costume de perseguir e ameaçar inclusive fisicamente, todos aqueles que pretendem fazer oposição. Essas duas famílias, como não poderia deixar de ser, são as dirigentes do PDS. Elas se orgulham de ter expulsado um juiz de direito da cidade, amarrando-o num carro de boi.

Atualmente eles se empenham em perseguir professores progressistas da cidade. Um outro orgulho desses fascistas é o de que eles não permitem que se realize nenhum tipo de manifestação de oposição na cidade, "por que são dissolvidas a bala".

Eles exercem também a repressão econômica. Quando Benedito Maurício de Lima, atual candidato a prefeito pelo PDS, era gerente do Banco do Brasil, ele colocava a agência do Banco a serviço dos latifundiários do café e de seus aliados, e quando atendia algum pe-



queno produtor esse atendimento era condicionado a um compromisso eleitoral.

O atendimento médico municipal, além de ser dos piores, é condicionado à entrega do título de eleitor nas mãos da esposa do prefeito.

As casas de Maracás na maioria são de adobe, sem sanitários, a água sem nenhum tratamento. Se deixarmos um copo de água em repouso durante 3 horas, teremos após esse tempo, dois dedos de detritos, lama, etc. O índice de tuber-

culose da cidade é altíssimo e o da verminose também.

Para completar, os elementos que dirigem a cidade são também racistas. Existe um bairro negro na cidade que é a vítima do maior isolamento. Existe também um vereador, sacristão e conhecido bicheiro da cidade, que faz da igreja o seu ponto de bicho. Esse vereador chama-se Clóvis Fonseca e comanda um grupo de jovens no estilo da juventude nazista.

(Um colaborador da TO que visitou Maracás, Bahia)

No Maranhão, jagunço ganha arma da própria polícia

Sou pedreirenses legítimo e gostaria que este valente jornal publicasse estas linhas. Quero que todos os brasileiros saibam o que acontece aqui em Pedreiras, no Maranhão. Em 1974 deu-se início ao que todos nós gostamos: imagem de televisão. Todavia já estamos em 81 e até agora a imagem é um verdadeiro enxame de abelhas. O som é igual à

fala de um robô. Outro grande problema daqui é o trânsito. Os guardas são todos uns analfabetos, inclusive o diretor. Porém no que se refere a cobrança de multas, eles são superiores.

Aqui ainda se vive como nos filmes de bang-bang. Mata-se e depois os criminosos dizem ao delegado que foi em legítima defesa e

tudo bem. E tem mais: quando a polícia dá uma "geral" desarmando o povo, muitas das armas apreendidas são entregues aos aflhados dos políticos. As demais são vendidas, muitas vezes para a própria polícia. Comprar um Taurus 38 aqui é mais fácil que comprar bombons.

(J.D.L., Pedreiras, Maranhão)

PM de Juiz de Fora invade casas e tortura presos

Há algum tempo, foi criada pelo Segundo Batalhão da Polícia Militar de Juiz de Fora, uma patrulha composta por 40 soldados, que foi denominada de **Rotam** (Ronda Tática Metropolitana). Segundo o comandante da PM de Juiz de Fora, Coronel Silvio Cristo, a Rotam serviria para acabar com os marginais. Mas o que está acontecendo é bem diferente.

A Rotam está atacando o traba-

lhador e este, ao tentar se identificar, é agredido e preso. Na Delegacia, os policiais chegam a jogar cloroformo nos olhos do trabalhador para que este fique com as vistas queimando. Há até possibilidade deste trabalhador ficar cego. E os policiais fazem isto na presença do delegado, de oficiais, sargentos, cabos e dos outros detidos.

Certa vez eles chegaram num ponto de ônibus e mandaram todo

mundo encostar na parede. Apontaram suas armas para todos os que estavam na fila, inclusive para mulheres e crianças. Chegando num outro ponto de ônibus, por volta das 22 horas, fizeram a mesma coisa.

O PMDB de Juiz de Fora denunciou as violências da Rotam através de uma nota oficial, denunciando que a ação da Rotam está levando intranquilidade e insegurança aos moradores dos bairros. A Rotam, que foi formada para manter a ordem, está mesmo é fazendo desordem. No bairro de Linhares, por exemplo, a Rotam feriu vários direitos civis, inclusive invadindo residências. Em muitos bairros, os moradores já evitam sair às ruas após às 19 horas com medo da violência dos policiais.

Agora a nossa cidade está cheia de cartazes dizendo que a PM comemora seus 50 anos, "contingentes". Depois de tudo isto, nos tempos de meio deles.

(Um tribuneiro de Juiz de Fora, MG).



Cobrador carioca é perseguido por processar firma

Há um ano e meio atrás escrevi para este jornal, dizendo que fui assaltado (sou cobrador de ônibus) e que tive que botar a empresa na justiça, pois ela não me deixou trabalhar enquanto eu não pagasse o assalto. Pois bem, de lá para cá muita coisa já aconteceu. O assaltante (rapaz de 20 anos) foi preso. Saiu para esperar em liberdade o julgamento e assaltou mais dois ônibus, das linhas 768 (Marechal Hermes — Campo Grande) e 864 (Bangu — Campo Grande). Como atraíu atenção dos policiais e ainda enquanto estava preso, sob espantamento denunciou comparsas, teve seu fim trágico: foi assassinado quando chegava em casa após o baile no Cassino Bangu.

Eu fiquei com minha ficha suja para as empresas de ônibus, pois botei na justiça e ganhei. Mas a empresa recorreu, no recurso ganhei novamente, ganhei e não levei. É isso mesmo: ganhei e não levei. Tive que bater uma petição para o Juiz e esperar receber. Nesse país nem Juiz manda. Alvará de Juiz vale menos que papel higiênico.

(Cobrador no Rio de Janeiro amigo da TO)

Em Cuiabá, Justiça do Trabalho não tem nem fiscais

Apesar de Cuiabá ser capital de um Estado, nós, os trabalhadores, estamos totalmente desprotegidos, isto tanto os urbanos quanto os rurais, pois a Delegacia Regional do Trabalho não fiscaliza coisa alguma, deixando os empregados totalmente à vontade, praticando abusos de toda ordem. Dizem que não têm fiscais, pois os que aqui estavam foram transferidos para seus lugares de origem, na maioria para o Rio de Janeiro, e as vagas não foram preenchidas. Agora vejam bem como ficou a nossa situação. É por essa e outras que muitos preferem ser parasitas e usufruírem de várias regalias e ainda se auto-proclamarem como salvadores da pátria, do que enfrentarem a triste e humilhante situação dos trabalhadores brasileiros. Com o povo não se brinca e um dia nós trabalhadores, vamos por um paraderio nessas coisas.

A.M.G. - colaborador da TO em Várzea Grande - Mato Grosso)

Fábrica paraibana não pagou o reajuste salarial

Os operários da fábrica Polyutil do Nordeste reclamam que a fábrica só visa a grande produção. Enquanto isto não pagou o reajuste salarial a partir de outubro. Já estamos em janeiro de 82 e nada foi feito neste sentido.

O refeitório não tem água para beber. Os operários trabalham em contato direto com produtos insalubres e não recebem insalubridade. Nem ao menos o leite, usado na prevenção contra a contaminação do organismo, é servido. Apelamos ao jornal **Tribuna Operária**, que divulge esta denúncia, para que se tome conhecimento dos desmandos da Polyutil contra seus mais humildes empregados.

(Um operário da Polyutil - João Pessoa, Paraíba)

Mineradora baiana demite e deixa operários loucos

Em Boquira, situada a 760 quilômetros de Salvador, a única fonte de renda para a população é a Mineração Boquira S/A, que explora o chumbo, zinco e prata. É uma multinacional ligada ao grupo francês Rothschild. Esta empresa está demitindo em massa seus operários. Até agora, num período de dois meses, já foram demitidos 70 operários e a previsão é que, até o mês de fevereiro, irá despedir mais de 130.

A Mineração Boquira, além de pagar baixos salários aos operários, não dá assistência médica de acordo, não paga insalubridade e nem periculosidade. Na sua maioria, os principais atingidos nessa demissão são aqueles operários que já estão prestes a se aposentar.

Existe também a deficiência de um sindicato pelego, onde o operariado não tem direito sequer de participar dos processos eleitorais. De vez em quando, o presidente, que mora em Salvador, aparece, só para receber contribuições de alguns inscritos. Quando o filho de um operário temendo a sua demissão, foi a Salvador, o secretário do sindicato disse pelo telefone não admitir em hipótese alguma a ingerência de terceiros e negou-se a receber essa pessoa.

A população está em pânico, pois muitos operários moram em casas da empresa e sendo despedidos a empresa os despejará imediatamente. Houve um caso em que um antigo operário, faltando pouco tempo para se aposentar, foi atingido pela demissão. Mais tarde, este operário foi tomado pela loucura.

(Sindiquímica e mais dez outras entidades - Salvador, Bahia)



A passeata onde o povo protestou contra a demissão do doutor Sidney

Médico de Marília é demitido por estar ao lado do povo

Cerca de 300 pessoas dos bairros de Marília, interior de São Paulo, fizeram uma passeata até a prefeitura para protestar contra a demissão do médico Sydney Gobetti de Souza, dos Postos de Atendimento Sanitário. Os moradores foram exigir, que o prefeito intercedesse junto a Fundação Municipal do Ensino Superior — órgão mantenedor dos postos de saúde, em convênio com a prefeitura

— para que o médico fosse readmitido. O prefeito não recebeu o povo e nem um abaixo-assinado com quatro mil assinaturas, exigindo a readmissão do médico. Dr. Sydney declarou que sua demissão se deu por estar ao lado do povo, apoiando as suas justas reivindicações.

(Do correspondente em Marília, São Paulo)

Construmat de Cuiabá muda nome e não paga operários

A firma Construmat fez um “balaio de gato” para se ver livre dos impostos e agora ficou com o nome de Civeleto. E também passou para trás os operários, pagando apenas metade dos direitos. Demos parte no Ministério do Trabalho, mas houve proteção a favor da firma, pois os pagamentos foram feitos dentro do escritório da mesma e não no ministério. E ainda com o inspetor dando a maior cobertura para essa safadeza, junto com o Ramão, da Civeleto.

Tiveram até discussão dentro do escritório com o Ramão e ele falou que ia processar um companheiro que xingou ele de ladrão. E o inspetor não dava uma palavra em direito do trabalho, só em favor da firma.

Outro que acuava os operários para fazer acordo com a firma era o gato Britão, que é apelidado de “cachorro louco”. Aquele outra vez que veio o nome dele na **Tribuna Operária**, o Britão ofereceu \$ 5 mil para quem apontasse para ele que mandou a carta. Mas não achou.

Por isso pedimos que coloquem tudo isto nas páginas da **Tribuna Operária**, que é o nosso jornal, para os companheiros operários ficarem sabendo o quanto somos enganados e para que possamos lutar pelos nossos direitos.

(Ex-operários da Construmat - Cuiabá, Mato Grosso)

CCE do Amazonas quer o voto dos funcionários

A CCE (fábrica de equipamentos eletrônicos) impôs a nós que trabalhássemos onze sábados, ou melhor, domingos. Digo domingo, porque nós trabalhamos de segunda a sexta. Nestes cinco dias já está incluído o dia posterior, que é o sábado. Então, trabalhando aos sábados, é o mesmo que não ter folga de um dia.

Quando chega o dia de pagamento, duvido que a empresa CCE pague aos seus funcionários o minguido salário de fome certinho, como prometem os demagogos da fábrica. Inventam festas e mais festas para iludir os seus funcionários e, ainda por cima, cobram uma mensalidade todos os meses para o clube CCE. Só que nós estamos pagando e não estamos usando, o que é um direito do associado. Se a gente quiser tomar banho de piscina, eles dizem que a mesma está em tratamento; se quisermos ocupar o campo de futebol, está alugado aos clubes profissionais do Amazonas e, assim sucessivamente.

Outros assuntos importantes estão ocorrendo no interior da fábrica. A CCE está exigindo um cadastro com a atualização dos dados de vários documentos de identidade. Mas agora eles se aprofundaram mais no título eleitoral. Uma pergunta aos demais companheiros: para que? Qual o objetivo disso? Que fundamento furado é

esse? Bom, nós só vamos preencher isso, se a CCE explicar detalhadamente o que ela quer com isso.

Será que está surgindo algum político tecnocrata e corrupto dentro da CCE, que já está querendo voto? E além do mais, dá para desconfiar, pois o prazo para preencher o cadastro foi de uma noite, o que não é suficiente para pensar. Existem mais ou menos 835 funcionários mobilizados dentro da fábrica. Te cuida, viu CCE!

(Grupo de funcionários da CCE - Manaus, Amazonas)

Operário de Mossoró denuncia irregularidade e é demitido

Em Mossoró, um operário denunciou através de um jornal da cidade, as irregularidades da empresa em que trabalhava. Algumas das irregularidades eram: exploração do trabalho da mulher e da criança, taxa de insalubridade que não era paga; o horário de trabalho que não era respeitado; o não pagamento de horas extras; atraso de até dois meses no salário-família; o atendimento médico não existia e o operário não podia trazer atestado, porque corria o risco de ir para o olho da rua.

O acontecimento teve grande repercussão na cidade, havendo uma grande movimentação no meio operário. O patrão ao se ver desmascarado ficou muito irritado e quis se desforçar no repórter responsável pela matéria. O operário foi dedurado por um dos companheiros e foi demitido. Esse retrato se assemelha muito à vida de outros operários que são usados pela máquina do sistema capitalista para engordar os bolsos dos patrões, ainda mais.

(Grupo de apoio da TO em Mossoró, Rio Grande do Norte)

Moradores homenageiam líder popular morto

Assassinado a traição por um grileiro urbano de Cuiabá



Antonio, o mártir do Barbado

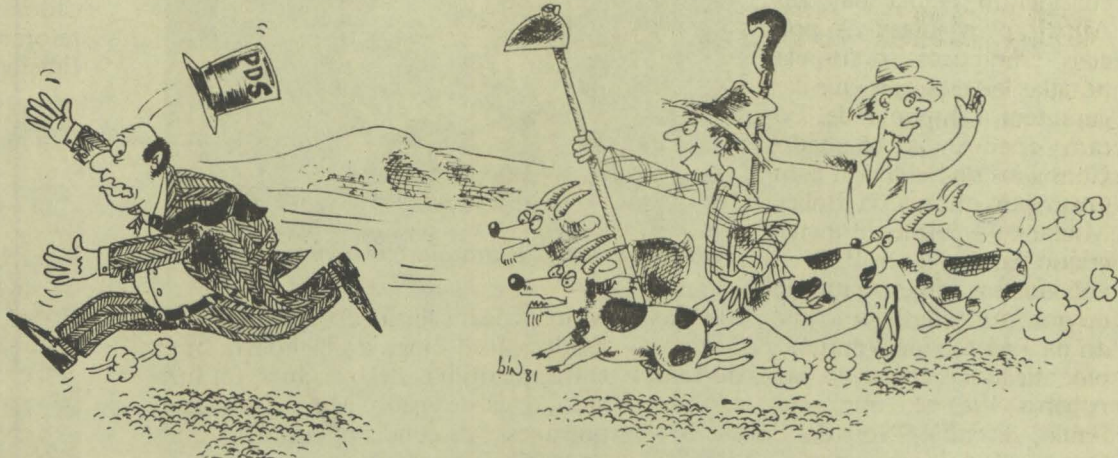
em que representou o papel de Tiradentes.

No enterro, o povo compareceu em massa. Eram aproximadamente 3.500 pessoas; uns 40 carros e caminhões lotados de gente vieram demonstrar a solidariedade ao companheiro que tombou na luta pela terra.

O corpo de Antonio foi sepultado, coberto pela bandeira do Brasil, e nesse ato vários companheiros repudiaram aquele bárbaro assassinato. Inculparam o governo como o principal responsável, pois Antonio havia sido ameaçado por várias vezes e tinha levado o fato ao conhecimento das autoridades. Mas estas não deram a mínima importância, pois vivem acobertando e incentivando essas barbaridades, dando cobertura aos assassinos de posseiros e trabalhadores.

Os moradores do Barbado e de todas as Associações irmãs de luta, já frizaram que o povo tomará as providências, pois os assassinos nem foram presos. Já foi marcada uma reunião geral junto com todas as associações, sindicatos e entidades de classe para ser discutida a questão.

(Um colaborador da TO em Cuiabá, Mato Grosso)



Grileiros criam pânico no sertão da Bahia

No distrito de Caldeirás, município de Caetitê, a grileagem de terras é o instrumento utilizado para a formação de grandes propriedades. Este é o caso da grileagem de Antônio Branco, que transformou uma propriedade de 15 hectares em 8 mil hectares. Dentro desta área, que engloba uma região de caatinga, onde os lavradores soltavam suas criações e buscavam lenha, estão também as “terras em comum” de propriedade de muitos lavradores.

Além disso, em todo o município vem ocorrendo uma

campanha sistemática contra o criatório de bode do pequeno lavrador. Este vem sendo pressionado para se desfazer de suas criações, de onde o pequeno sempre retirou um dinheiro extra nas situações de aperto, que serve para compensar o escasso rendimento de sua lavoura. No distrito de Maniaçu, um grupo do PDS espalha a notícia de uma “lei federal” que proíbe a criação dos animais soltos no campo, sob o risco de serem mortos por qualquer pessoa que se sentir incomodada em sua propriedade.

Como se não bastassem esses problemas, a exploração de urânio no distrito de Lagoa Real traz mais inquietações aos lavradores. Fala-se que uma região de 20 quilômetros quadrados está para ser desapropriada. O trabalho de pesquisa na região já trouxe destruição de lavouras por máquinas pesadas. Um agricultor na localidade de Modesto viu destruída sua roça de mandioca, em troca de uma “indenização de 11 mil cruzeiros.”

(De um colaborador da Tribuna em Caetitê, Bahia)

Operário gaúcho é obrigado a trabalhar com olho ferido

O funcionário José Jorge, da Isel Equipamentos Industriais Ltda., teve que trabalhar com um olho tapado, porque o médico da Policlínica São Carlos não deu atestado. No dia 27 de novembro, José Jorge foi à policlínica para ser examinado da vista direita. Chegando lá, taparam a vista direita e disseram a ele que à tarde fosse trabalhar. Só que com um olho tapado não

há condições de trabalho. Dois membros da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) levaram José Jorge até o presidente da CIPA.

Este é chefe do departamento de pessoal, indicado pelo patrão, é claro. Chegando lá foi falado para o presidente que o rapaz não tinha condições de trabalho. O presidente falou que o rapaz

tinha condições sim e citou o exemplo de um parente que tinha 60 anos de idade e trabalhava tranquilamente. Só que os membros da produção não ficaram quietos, foram para cima da chefia, que providenciou a ida do rapaz ao médico.

(Um operário da Isel Porto Alegre, R. Grande do Sul)

“Essa fábrica é de danar”

Minha gente minha gente Ouçam o que agora vou contar O que se passa na fábrica Onde estou a trabalhar

Essa fábrica se chama Boyes É uma das boas que há Na região de Piracicaba Para os caipiras se danar

Nosso salário é baixo Não podemos reclamar Eles acham que está muito E que estamos a folgar

Estou lá há muito tempo E tenho muito para contar Das coisas que têm se passado E nosso sindicato a olhar

Entrou lá um pobre homem Mal a experiência passou Mas sempre em dia E esse dia nunca faltou Foi subir numa escada E de lá se esbarrachou



Esse nosso sindicato É um osso duro de roer Ele só é muito bom Quando seu dente doer

Se existe funcionário Querendo outra coisa aprender Lá tem corte e costura Só é preciso saber ler

Mas se precisa de um aperto De um funcionário qualquer Não existe sindicato Ninguém quer dele saber

Nosso querido presidente Ele é muito bom de fato Presidente igual a este Só se encontra no mato.

Boyes e colaborador da TO em Piracicaba - São Paulo)

Polícia protegida pelo regime mata e tortura impunemente

O assassinato a sangue frio de três detentos que tentavam fugir da Penitenciária de São Paulo, no dia 29 de dezembro, é um indicativo do que ocorreu durante 1981, onde os policiais gozaram da impunidade que lhes é garantida pelo governo militar, para agredir e desrespeitar o povo.

Em 1981 a polícia civil e militar matou e torturou como nunca, incentivada pela impunidade de seus crimes. Desta fúria criminosa não escaparam homens, mulheres e nem crianças. A população não aceitou essas arbitrariedades de cabeça baixa. O ano começou com uma rebelião popular contra a polícia em Santa Cruz das Palmeiras, interior de São Paulo, e terminou com outra rebelião contra a polícia em Brazlândia, no Distrito Federal (ver matéria ao lado). A população mais pobre da periferia das cidades foi a maior vítima da violência, tanto dos marginais quanto dos policiais.

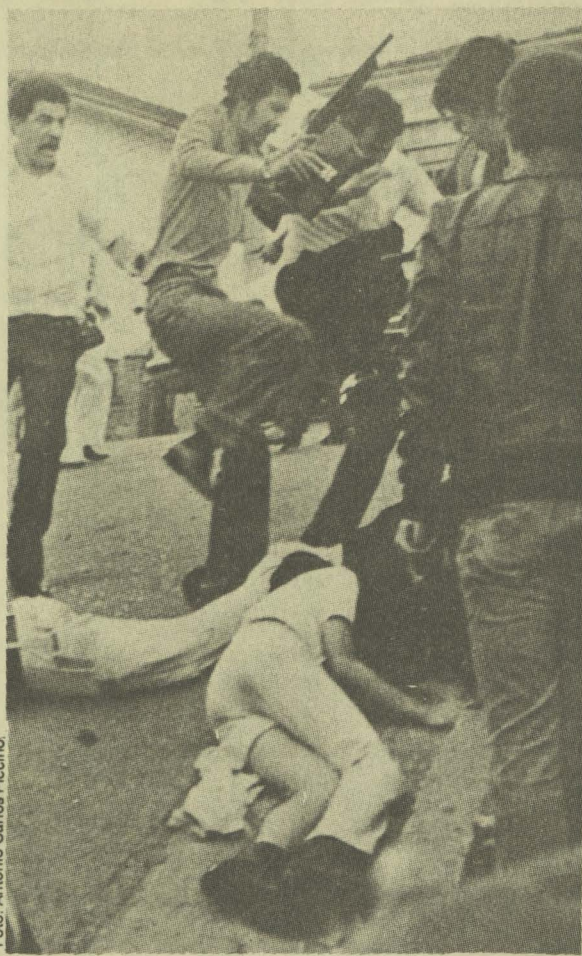
No regime militar, as Forças Armadas e policiais se consideram acima das leis. Afinal, para julgar os policiais criminosos foram elaboradas leis especiais, que lhes garantem a impunidade. Foram criados os chamados Conselhos de Sentença, composto por oficiais da Polícia Militar e um juiz auditor civil, criado para julgar os PMs envolvidos em crimes. Garantindo por "proteções" como essas, o soldado da PM Silvino Ventura, por exemplo, atirou nas costas do bancário Luis Alberto Vicente, num bar em São Paulo, dizendo: "Sou da Polícia Militar e nada vai me acontecer". A ROTA, grupo especial da PM de São Paulo, somente nos nove primeiros meses do ano matou 135 pessoas, média maior que a do Esquadrão da Morte, que em cinco anos eliminou 165 pessoas no município.

Quando não liquidam as pessoas pelas armas, os órgãos policiais usam a tortura. Em Vitória, Espírito Santo, o pedreiro João Alves dos Santos foi espancado até à morte, no dia 12 de dezembro, por quatro agentes da Polícia Federal e pelo delegado de Ordem Política e Social, Benício Klein. No dia 8 de fevereiro, o comerciante Francisco Barbosa, do Rio de Janeiro, foi retirado de dentro de um ônibus pela PM. No dia seguinte morreu no hospital depois de brutalmente espancado. Em Santo André, no ABC paulista, foi fotografada a aparelhagem de torturas de uma delegacia. No Nordeste, corpos de prisioneiros que morrem nas torturas são jogados no Rio São Francisco. No início de 81, duas freiras denunciaram torturas contra presos da Ilha Grande, no Rio de Janeiro. No final do ano, o Cardeal Eugênio Sales suspendeu as missas nesse presídio devido à continuidade das torturas. Para as secretarias de Segurança e chefias de polícia são nomeados notórios torturadores, como o Coronel Newton Cerqueira, comandante da PM carioca.

POLÍCIA E BANDIDO

Hoje não é possível repetir a frase do marginal Lúcio Flávio Lirio, "Bandido é bandido e polícia é polícia". O envolvimento dos órgãos de segurança com a criminalidade e o tráfico de drogas é notório. Na Paraíba, o secretário de Segurança, coronel Benedito Júnior mandou soltar os bandidos de uma perigosa quadrilha, porque os principais envolvidos eram ligados ao partido do governo, o PDS.

No Rio de Janeiro, o ex-capitão do Exército e membro do DOI-CODI, Aylton Guimarães, afirmou publicamente que gasta milhões com propinas à polícia. Em resposta, o secretário de Segurança Pública, general Valdir



Policiais chutam detentos que tentaram a fuga em SP

Muniz, pediu "pelo amor de Deus" a legalização do jogo do bicho. Na briga entre quadrilhas de bicheiros, foi fuzilado o ex-delegado Mariel Mariscot, que apesar de condenado a vários anos de prisão, circulava livremente pela cidade.

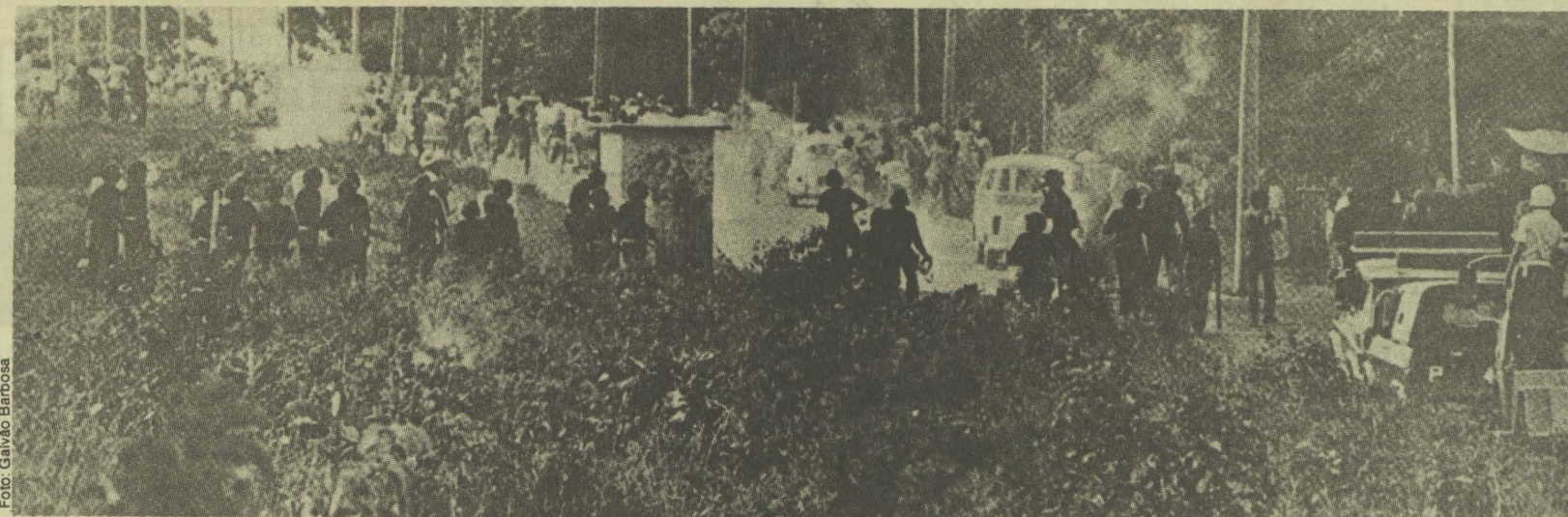
CAÇA ÀS CRIANÇAS

A sanha assassina dos policiais não perdoa nem mesmo as crianças. Em São Bernardo do Campo, até cães foram usados para caçar menores. Da caçada resultaram seis meninos e meninas assassinados, inclusive uma menor grávida. Em julho, Marinaldo Jerônimo, estudante e trabalhador em Osasco, foi encontrado morto em um mata-gal, vítima da ROTA. No final de dezembro, a polícia deu vários tiros na casa do operário Cícero Santos, matando seu filho de 16 anos. Em fevereiro, o menor Leonardo Fernandes morria na delegacia de Vila Matilde, em São Paulo, vítima de espancamento.

Com os presídios superlotados, com os órgãos de segurança envolvidos na corrupção até o pescoço, o regime militar optou por "passar fogo" nos marginais. A política anti-social e anti-popular posta em prática pelos generais que tomaram o poder, somente faz aumentar a criminalidade e a marginalização de setores cada vez maiores da sociedade. Criados sem nenhuma proteção, jogados às ruas por falta de condições dos pais em garantir-lhes uma vida saudável, milhões de crianças são arrastadas à criminalidade e ao banditismo.

Por outro lado, com o desemprego crescendo, um número cada vez maior de trabalhadores fica, da noite pro dia, sem ter de onde tirar o sustento seu e da família. Alguns acabam na criminalidade. Faltando-lhes a compreensão da verdadeira causa de sua desgraça, acabam voltando-se contra a própria sociedade, e não contra os exploradores, que se enriqueceram com a sua miséria.

Nessa situação, fazer justiça com as próprias mãos e ao mesmo tempo participar dos lucros da quadrilhas de marginais foi o exemplo dado pelos órgãos policiais durante o ano que passou. Por sua vez, a polícia vê em cada trabalhador um delinquente, muitas vezes apenas porque anda mal vestido ou porque não tem carteira de trabalho.



A PM reprimiu violentamente os moradores de Brazlândia, que ergueram barricadas nas ruas

Povo rechaça PM em Brasília

Uma verdadeira batalha campal se desenvolveu nos dias 22 e 23 de dezembro em Brazlândia, cidade satélite de Brasília, quando milhares de famílias ocuparam um terreno vazio e foram reprimidos por cerca de duzentos homens de Polícia Militar.

96 BOMBAS DE GÁS

A invasão começou às 17 horas do dia 22. Em poucas horas já havia mais de três mil ocupantes no local, que começaram a demarcar o terreno. Para impedir a ocupação, logo às 20 horas apareceram nove viaturas da PM, comandadas pelo próprio Secretário de Segurança, Paulo Azambuja. Os soldados foram rechaçados a pedradas, e pediram reforços do Comando da PM de Brasília.

Dai para diante Brazlândia se transformou num palco de batalha. Os moradores ergueram barricadas nas ruas, com blocos de pedras de concreto e sucatas de veículos. A tropa de choque atuou com violência, lançando nada menos que 96 bombas de gás lacrimogênio. Mas os populares contra-atacaram. Seis policiais saíram feridos do local. Inclusive o comandante geral da PM, Coronel Egeo Chaves, foi atingido pelas pedras. Uma Kombi da Administração da cidade foi destruída e seus ocupantes tiveram que fugir debaixo de uma chuva de pedras. Um popular, mestre em caratê, atacou um soldado da tropa de choque, e com o pé, quebrou o escudo protetor do policial. Foram precisos três soldados

para detê-lo. Pela madrugada afora houve choques, e duzentas pessoas foram detidas.

"SOFREU, MAS VENCEU"

Vários são os fatores que levaram à explosão popular. O principal é a situação precária de vida dos moradores das cidades-satélites de Brasília. A maioria mora em barracos, pagando cerca de seis mil cruzeiros de aluguel. São funcionários do Distrito Federal, e só de condução gastam Cr\$ 92,00 por dia.

Também contribuiu para a revolta o desrespeito das "autoridades" do Distrito Federal. Há dois anos atrás ocorreu uma invasão do mesmo estilo. O governo se comprometeu a planejar loteamentos para todos os necessitados, mas nada foi feito.

Juntando-se a isso, como um estopim, foi distribuída para alguns moradores uma carta assinada por "um amigo que invadiu, sofreu, mas venceu". A carta incentiva os populares a ocupar os terrenos. "Pobre também é gente, também merece viver. O governo mais a sua turma são maus, e querem ver os pobres trabalhadores pagando caro os aluguéis".

Na manhã do dia 23, cerca de 200 populares se concentraram na frente da Administração de Brazlândia, gritando palavras de ordem. O administrador foi obrigado a atender cinco representantes e a recuar: prometeu quer até início de fevereiro será desapropriada uma área para 416 lotes.

(da sucursal)



Cem mil albaneses participaram do ato de encerramento do 8º Congresso do PTA

Albânia, o único país socialista

O veterano dirigente comunista João Amazonas fala à *Tribuna Operária* sobre o 8º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), do qual participou em novembro.

Ainda que a imprensa ocidental tenha pouco se referido a este acontecimento, ele marcou uma etapa nova no movimento operário e revolucionário. Vinte e seis organizações marxistas-leninistas dos cinco continentes estiveram presentes no Congresso e expressaram a confiança na vitória do socialismo científico na Albânia e em todo o mundo.

COM AS PRÓPRIAS FORÇAS

O Congresso do PTA é uma prova da invencibilidade da causa operária e da possibilidade da construção socialista mesmo num pequeno país sob o cerco capitalista-revisionista. Apoiada em suas próprias forças, sem nenhuma ajuda exterior, a Albânia edifica sua economia planificadamente e com êxitos em todos os terrenos. Lá existe equilíbrio no comércio exterior: as exportações compensam as importações. É o único país da Europa que não tem desemprego e inflação. E a renda per capita real do campesinato, por exemplo, aumentou em 20% entre 1975 e 1980.

O 7º Plano Quinquenal, aprovado no Congresso, baseia-se no conhecimento das leis objetivas da construção da nova sociedade. Ele abarca a economia, a cultura, a pesquisa científica, o bem estar social, a saúde pública, a defesa nacional e a elevação do nível de vida do povo. A Albânia é o único país do mundo onde os trabalhadores sabem o que terão dentro de cinco anos em matéria de progresso em todos os terrenos, e quais as tarefas para alcançar estes objetivos. No próximo quinquênio haverá um crescimento de 63 a 65% na indústria química e de 43 a 45% na indústria mecânica. A indústria de alimentos e de consumo popular crescerá em ritmo 2 vezes superior ao crescimento da população. Nos últimos cinco anos, 20 mil pessoas se formaram nas universidades e 113 mil nas escolas secundárias, um número 57% superior ao quinquênio anterior. E no próximo período as escolas secundárias devem formar mais 160 mil. Foram construídas 50 mil casas entre 1975 e 1980. O plano é construir novas 80 mil até 1985, para 400 mil pessoas. Isto num país com cerca de 3 milhões de habitantes!

A VIA SOCIALISTA

Há, no mundo capitalista, muitas indagações sobre a possi-

bilidade de êxito da via adotada pela Albânia. São pessoas as vezes honestas que não podem compreender o desenvolvimento social fora do mecanismo capitalista. Num país pequeno, nem tudo pode ser produzido internamente. Mas a Albânia procura o seu próprio caminho, evita qualquer tipo de dependência, numa experiência que merece ser estudada. Não admite créditos estrangeiros, que acabam por submeter os que os aceitam. Previne com isto o desvio capitalista na construção do socialismo, na situação concreta da Albânia. Sua produção industrial, mesmo assim, cresceu mais de 34% nos últimos cinco anos, com um ritmo quase três vezes mais rápido que o aumento da população. E a agricultura, mesmo não cumprindo integralmente o planejado, cresceu 21,4%. Apesar de já aproveitar toda a superfície cultivável do país, planeja um crescimento de 30 a 32% no próximo quinquênio — o que terá de ser feito com base no desenvolvimento tecnológico.

A BANDEIRA DE LENIN

Os trabalhadores da cidade e do campo vêm no Partido do Trabalho, e nos seus dirigentes, entre os quais sobressai Enver Hodja, o guia experimentado e capaz de levá-los à vitória. Na comemoração do 40º aniversário do PTA, um comício mons-

tro de mais de 100 mil pessoas em Tirana evidenciou o carinho e o respeito do povo pelo seu Partido e a unidade do Partido com o povo.

A Albânia é hoje o único país socialista do mundo. Aí tremula a bandeira desfraldada por Marx, Engels, Lenin e Stálin. Ela representa o futuro do proletariado, a esperança de milhões e milhões de trabalhadores subjugados pelo capitalismo, escravos da burguesia, sem direitos nem liberdade. Quando o socialismo e as grandes conquistas da classe operária foram liquidados na União Soviética, quando os poloneses são submetidos a um regime de estado de sítio pelos revisionistas de dentro e de fora do país, a Albânia é o testemunho de que a causa revolucionária dos explorados e oprimidos triunfará.

Amazonas debate sobre a Polônia

João Amazonas fará uma palestra sobre "o falso socialismo e a repressão na Polônia", dia 12 de janeiro, às 19 horas, na Rua Tamandaré, nº 348, bairro da Liberdade — São Paulo. O debate será aberto a todos os interessados.

Crescem privilégios dos militares

Os militares terão a partir de maio um aumento acumulado de 105,6% em seus vencimentos. Muito superior ao dos civis. Um general, com as gratificações, vai ganhar até Cr\$ 700 mil por mês. Foi melhorado o critério para o cálculo das gratificações, a gratificação que recebem para moradia ficou isenta do imposto de renda e foi ampliado o número de reservistas com direito ao auxílio-invalidez.

PRIVILÉGIO DE CASTA

Os funcionários civis, como se fossem menos brasileiros, terão um reajuste de apenas 96%. Além disto, como todos os trabalhadores, eles pagarão contribuições maiores para o INPS e receberão em troca menor assistência médica. Até os aposentados agora terão que pagar

contribuição para a previdência.

O general Figueiredo assinou o decreto reajustando os vencimentos dos servidores civis e militares no dia 22 de dezembro, usando as festas natalinas como biombo. Não é por acaso que os generais se agarram como ostras ao governo. Com o monopólio do poder, eles usam o regime militar para defender os interesses das classes dominantes e para assegurar para eles mesmos privilégios de casta, como se fossem superiores aos outros.

Em março de 1980 os funcionários civis tiveram um reajuste de 56,2%, quando o INPC neste mês atingia 74,4%. Em março de 1981 foram reajustados em 82,2%, mas o INPC era de 109,4%. Ou seja, há tempos que eles já vêm sofrendo redução em seus salários. E, pela legislação



Com o novo reajuste salarial, um general ganha até 700 mil cruzeiros.

fascista, são proibidos de se organizar em sindicatos e de fazer greve para defender seus direitos. Basta ver que enquanto os trabalhadores conquistaram com as greves de 1979 os reajustes se-

mestrais de salários, os funcionários têm ainda reajustes anuais — e por que isto, desde 1980 recebem este reajuste abaixo do INPC e parcelado em duas etapas.



Vítimas da violência policial na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro